UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Rafaela Brás Miranda

A TRÍADE NEGRA EM JOVENS DELINQUENTES INTERNADOS EM CENTRO EDUCATIVO

Dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, subespecialização em Psicologia Forense, orientada pelo Professor Doutor Pedro Pechorro (Escola de Psicologia da Universidade do Minho) e coorientada pelo Professor Doutor Mário R. Simões (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra) e apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Outubro de 2020

A Tríade Negra em jovens delinquentes internados em Centro Educativo

Rafaela Brás Miranda[1]

Pedro Pechorro[1,2]

Mário R. Simões[1]

[1] Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra

[2] Escola de Psicologia, Universidade do Minho

E-mail: rafamiranda@sapo.pt

Resumo

A delinquência juvenil surge como uma problemática recorrente no contexto forense e nas populações mais jovens. O seu impacto na sociedade justifica o interesse no estudo de diversas perspetivas explicativas e na caracterização de fatores de risco (e de proteção). Neste sentido, o constructo da Tríade Negra tem recebido bastante destaque devido à sua potencial relevância na explicação de fenómenos delinquenciais. Em Portugal, denota-se uma escassez de estudos empíricos focados neste constructo e com amostras forenses, particularmente com adolescentes detidos em Centro Educativo. Um dos instrumentos que avaliam este constructo é a *Short Dark Triad* (SD3), sendo este estudo o primeiro, até à data, a aplicá-lo no contexto de justiça juvenil português. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar as relações entre os traços de personalidade da Tríade Negra e os seguintes fatores de risco: empatia, impulsividade, agressividade e delinquência. Para a realização deste estudo, foi utilizada uma amostra forense de 52 jovens internados em Centro Educativo, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos (M = 16.15; DP = 1.06), do sexo masculino. O protocolo de recolha consistiu na aplicação de instrumentos breves relativos às variáveis supramencionadas e de um formulário de recolha de dados sociodemográficos e criminais. Os principais resultados indicam que o traço de Psicopatia prediz significativamente a agressividade proativa explícita, a empatia cognitiva, a delinquência e a idade da 1ª ilegalidade. Para além disso, os traços de Maquiavelismo e de Narcisismo parecem estar associados, de forma diferenciada, às dimensões afetivas, interpessoais e comportamentais das restantes subescalas. Em suma, estes resultados reforçam a ideia de que a Tríade Negra pode auxiliar na compreensão dos fatores psicológicos e emocionais subjacentes ao desenvolvimento de comportamentos antissociais em adolescentes. Logo, este constructo pode contribuir para a elaboração de novas abordagens de prevenção e de intervenção psicoterapêutica com estes jovens.

Palavras-chave: Tríade Negra, fatores de risco, delinquência juvenil, personalidade desviante, *Short Dark Triad*

Abstract

Juvenile delinquency arises as a recurrent problem in the forensic context among younger populations. Its impact on society justifies the interest in the study of various explanatory perspectives and in the characterization of risk (and protective) factors. In this sense, the construct of the Dark Triad has received plenty of attention due to its potential relevance in explaining the delinquency phenomena. In Portugal, there is a scarcity of empirical studies focused on this construct and with forensic samples, particularly with teenagers detained in the Educational Centre. One of the instruments evaluating this construct is the Short Dark Triad (SD3) and this study is, to date, the first to apply it in the context of Portuguese juvenile justice. Thus, the present study aims to analyze the relationships between the personality traits of the Dark Triad and the following risk factors: empathy, impulsivity, aggressiveness and delinquency. For this study was used a forensic sample of 52 young males, aged between 12 and 18 years old (M = 16.15; SD = 1.06), admitted to an Educational Centre. The sample-collection protocol consisted of the application of brief instruments concerning to the above-mentioned variables and a socio-demographic and criminal data collection form. The main results indicate that the psychopathy trait significantly predicts explicit proactive aggressiveness, cognitive empathy, delinquency and the age of the first illegality. In addition, the traits of Machiavellianism and narcissism seem to be associated, in different ways, with the affective, interpersonal, and behavioral dimensions of the remaining subscales. To sum up, these results reinforce the idea that the Dark Triad can help to understand the psychological and emotional factors underlying the development of antisocial behaviors in adolescents. Thus, this construct can contribute to the development of new approaches addressing prevention and psychotherapeutic intervention with youths at-risk.

Keywords: Dark Triad, risk factors, juvenile delinquency, deviant personality, Short Dark Triad

Agradecimentos

Aos meus pais, ao meu irmão e à minha família, por aguentarem as minhas "neuras" e os meus silêncios, por me apoiarem incondicionalmente e por acreditarem em mim.

Ao Professor Doutor Pedro Pechorro e ao Professor Doutor Mário Simões, pelos momentos de aprendizagem com a sua experiência e conhecimento e pelos desafios colocados.

Aos meus amigos, pela paciência absurda, por perdoarem, repetidas vezes, a minha falta de notícias, por acreditarem em mim e por estarem sempre lá para um abraço.

Aos meus colegas e amigos de curso, em especial à minha turma de Forense, pelo espírito de entreajuda, pelas partilhas, pelas gargalhadas, pela empatia, pelas memórias e pelo convívio.

À minha Família de Praxe, à minha Madrinha e às minhas Afilhadas, por me mostrarem através do Exemplo e da Capa Negra que Coimbra vale sempre a pena.

Aos meus Professores de Faculdade, em especial aos de Forense, pelo profissionalismo, pela dedicação, pela disponibilidade, por me ensinarem a olhar e a pensar a realidade do ponto de vista sistémico e de forma minuciosa.

À Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), mais concretamente à Direção de Serviços de Justiça Juvenil (DSJJ), por possibilitar o acesso aos jovens detidos nos Centros Educativos do Ministério da Justiça.

E, por fim, aos jovens que participaram nesta investigação e aos profissionais dos Centros Educativos, pela colaboração, pela gentileza e pela experiência de crescimento pessoal e profissional que me proporcionaram.

O meu maior…

F-R-A!

Índice

Introdução 1
I – Enquadramento conceptual 3
1.1. A 'Tríade Negra' 5
1.1.1. Maquiavelismo 6
1.1.2. Psicopatia 8
1.1.3. Narcisismo 10
1.1.4. *Short Dark Triad* (SD3) 14
1.1.5. Fatores de risco subjacentes à delinquência juvenil 15
II – Objetivos e hipóteses de investigação 15
2.1. Objetivos 15
2.2. Hipóteses de investigação 16
III – Metodologia 16
3.1. Participantes 16
3.2. Instrumentos 17
3.3. Procedimentos 19
3.4. Análise de dados 20
IV – Resultados 20
4.1. Estatísticas descritivas 20
4.2. Análises de Correlação 23
4.3. Análises de Regressão Linear 25
V – Discussão 27
Conclusão 31
Referências bibliográficas 34
Legislação 47
Anexos 48
Anexo A. *Pedido de autorização à DGRSP* 48
Anexo B. *Termo de Consentimento Informado* 49

Introdução

A presente dissertação de Mestrado tem como finalidade analisar os traços da Tríade Negra (i.e., Narcisismo, Maquiavelismo e Psicopatia) em jovens delinquentes internados nos Centros Educativos (i.e., Vila do Conde, Porto e Coimbra) geridos pela Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais do Ministério da Justiça (DGRSP-MJ). Mais concretamente, pretende analisar as relações entre a Tríade Negra e as variáveis de empatia, impulsividade, agressividade e delinquência.

Para além disso, pretende-se perceber, posteriormente, de que forma é que a avaliação destes traços de personalidade, em instituições onde se torna útil fazê-lo, poderá proporcionar, eventualmente, a aplicação de intervenções mais eficazes e mais ajustadas às características de cada jovem com um percurso delinquente.

Pretende-se, ainda, dar continuidade sistemática a estudos com instrumentos relevantes em contexto forense utilizados no âmbito da presente investigação: (i) a *Short Dark Triad* (SD3; Jones & Paulhus, 2014; Pechorro, Caramelo et al., 2019); (ii) a *Basic Empathy Scale – Short Form* (BES-SF; Salas-Wright et al., 2012; Pechorro, Jesus et al., 2018); (iii) a *Barratt Impulsiveness Scale – Short Form* (BIS-11-SF; Patton et al., 1995; Stanford et al., 2009; Pechorro, Oliveira et al., 2018); (iv) a *Peer Conflict Scale – Short Form* (PCS-SF; Russell, 2014; Pechorro et al., 2017); e (v) a *Adapted Self-Report Delinquency Scale* (ASRDS; Carroll et al., 1996; Pechorro, Houghton et al., 2019).

A relevância deste projeto surge em resposta à escassez de estudos empíricos sobre o constructo da Tríade Negra com amostras forenses em Portugal, especialmente com adolescentes detidos em Centro Educativo, apesar do seu potencial valor na explicação de fenómenos delinquenciais. É também o primeiro estudo de que temos conhecimento a utilizar a SD3 (Jones & Paulhus, 2014; Pechorro, Caramelo et al., 2019) com este tipo de amostra.

Segundo Jonason e Webster (2010), as pesquisas por "Tríade Negra" com recurso ao Google Académico revelam um aumento abrupto de trabalhos científicos neste domínio na proporção de um em 2002 para, pelo menos, 38 em 2009. No nosso país, a delinquência juvenil apresenta uma tendência decrescente que se faz sentir também numa diminuição do número de jovens internados em Centro Educativo (DGRSP, 2018). Embora se tenha vindo a realizar alguns esforços neste sentido, torna-se urgente fomentar a investigação psicológica aplicada no contexto forense ao nível nacional, em aspetos

substancialmente expressivos (e.g., Tríade Negra) e num grupo significativo como é o dos jovens delinquentes.

Na presente tese de Mestrado, a primeira parte é dedicada ao **enquadramento teórico**, onde são abordadas as temáticas da Tríade Negra em jovens delinquentes, a sua associação com outras variáveis de interesse para o contexto e as medidas utilizadas na avaliação, quer dos traços de personalidade em questão quer das restantes variáveis. De seguida, são estabelecidos os **objetivos** e as respetivas **hipóteses de investigação**. Posteriormente, é apresentada a **pesquisa empírica**, que inclui a **metodologia** utilizada e os **resultados** obtidos, sendo estes, mais tarde, alvo de **discussão** e de interpretação integradas na conceptualização anteriormente elaborada. Em jeito de **conclusão**, serão apresentadas as limitações do presente estudo, bem como sugestões para potenciais futuras investigações, salientando o contributo do mesmo para a comunidade científica e para a área clínica forense, uma vez que o propósito deste trabalho se prende com o facto de auxiliar a realidade prática na elaboração de um processo de avaliação adequado, representativo, válido e útil, com vista à implementação de intervenções eficazes e ajustadas à população-alvo. Por fim, serão ainda apresentados a **bibliografia geral** e os **anexos**.

I – Enquadramento conceptual

O ser humano, enquanto ser social, faz parte de grupos mais ou menos amplos, dentro dos quais se vão estabelecendo certos padrões comuns de comportamento, ou seja, normas sociais. Há, no entanto, certos indivíduos que, por razões diversas, não respeitam as referidas normas e/ou valores. Este tipo de conduta surge na literatura sob diferentes expressões, tais como comportamento antissocial, delinquência juvenil, entre outros (Fonseca, 2000).

Os comportamentos antissociais definem-se como ações que violam certas normas da conduta de uma determinada sociedade ou cultura e que remetem para uma realidade multidimensional e multideterminada (Machado, 2004). Estes podem causar danos, sofrimento, mal-estar, alarme, medo ou tensão nas pessoas mais próximas ou na comunidade e, portanto, afetar a sua qualidade de vida e os seus direitos (Kagan, 2004). Este padrão de conduta pode aparecer muito antes da idade de responsabilidade criminal, expressando-se de múltiplas formas. Existem, no entanto, estudos longitudinais (por exemplo, o estudo de Dunedin; Moffitt & Caspi, 2000) que sugerem uma certa continuidade desses comportamentos da infância/adolescência para a criminalidade adulta. Neste sentido, o comportamento antissocial teria um domínio de aplicação muito mais vasto do que o crime. Assume-se que, por detrás dessa diversidade de comportamentos, estaria alguma característica do indivíduo ou do seu modo de relacionamento com os outros, sobretudo com os indivíduos mais próximos e significativos. Uma das vantagens da utilização deste conceito prende-se com a identificação precoce de grupos de indivíduos equacionados como suscetíveis a futuras condutas delinquentes mais graves e, consequentemente, intervir preventivamente junto dos mesmos.

A delinquência juvenil é vista como um conjunto de transgressões de normas jurídicas, por indivíduos abaixo da idade legal, a qual varia de país para país, sendo os 16 anos a idade definida por lei em Portugal. No contexto português, desde janeiro de 2001, dispomos de três procedimentos legais no que diz respeito a casos de jovens que apresentem problemas comportamentais, designadamente condutas desviantes. Falamos então da Lei Tutelar Educativa (Lei n.º 4/2015, de 15 de janeiro; Republicação da Lei Tutelar Educativa, aprovada em anexo à Lei n.º 166/99, de 14 de setembro), do Regime

Especial para Jovens (Decreto-Lei n.º 401/82, de 23 de setembro) e, ainda, da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (Lei n.º 147/99, de 01 de setembro).

A Lei Tutelar Educativa aplica-se a todo o jovem, com idade compreendida entre os 12 e os 16 anos, que pratique um facto qualificado pela lei penal como crime e que apresente necessidades de educação para o direito (Artigo 1.º; Lei n.º 4/2015, de 15 de janeiro). Os Centros Educativos regem-se por esta lei, possuindo as medidas tutelares duas funções (i.e., função educativa e função de segurança) que culminam em dois objetivos últimos – a educação do jovem para o direito e a sua inserção, de forma digna e responsável, na vida em comunidade (Artigo 2.º; Lei n.º 4/2015, de 15 de janeiro). O Regime Especial para Jovens é aplicável a jovens, com idades compreendidas entre os 16 e os 21 anos, que tenham praticado, perante a lei penal, um facto qualificado como crime. Esta lei com atenuantes possibilita que seja aplicado a um jovem adulto somente uma medida corretiva, sem um carácter punitivo, evitando-se assim que a pena prevista seja a de prisão. No âmbito da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, é de salientar as medidas de promoção e proteção, de forma a garantir o bem-estar e o desenvolvimento integral de crianças e jovens (Artigo 1.º; Lei n.º 147/99, de 01 de setembro). Este tipo de intervenção é destinado a crianças e jovens que se encontrem em situação de perigo, com menos de 18 anos, podendo em algumas situações ir até aos 21 anos (Artigo 5.º, alínea a); Lei n.º 147/99, de 01 de setembro). Enquanto que a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo se refere a uma intervenção com menores maltratados ou em perigo, a Lei Tutelar Educativa e o Regime Especial focam-se em menores infratores. Apesar desta diferenciação, existe algum paralelismo entre estas leis, ao ser possível a aplicação simultânea das medidas de promoção e proteção nos processos tutelares educativos, caso o Ministério Público assim o entenda.

De destacar ainda que, em relação aos adultos infratores, a partir dos 21 anos, são aplicadas medidas punitivas, entre as quais a privação de liberdade (i.e., reclusão em Estabelecimento Prisional; duração mínima de um mês e a máxima de 25 anos) e a não privação de liberdade (i.e., trabalho comunitário, apresentações pontuais ou coima), por um período de tempo previsto e legislado no Código Penal, considerado proporcional ao ato cometido e individualizado ao agente infrator.

Durante os últimos anos, verificou-se um aumento exponencial de interesse pelo estudo empírico dos traços da Tríade Negra, uma vez que essas características da

personalidade parecem ter relevância na etiologia de comportamentos violentos e/ou antissociais, frequentemente observados em jovens e adultos envolvidos nesse tipo de comportamentos (Jonason & Webster, 2010; Lyons & Jonason, 2015).

1.1. A 'Tríade Negra'

O conceito da Tríade Negra representa, a um nível subclínico, um *cluster* da personalidade que inclui três traços socialmente aversivos (Kowalski, 2001), que são o Maquiavelismo, a Psicopatia e o Narcisismo (Paulhus & Williams, 2002; Pechorro, Caramelo et al., 2019). Estes três traços são conceptualmente distintos, embora se encontrem empiricamente sobrepostos. Isto é, geralmente demostram correlações distintas, mas partilham um núcleo comum, uma vez que as facetas da Tríade se encontram sempre correlacionados positivamente (Furnham et al., 2013; Paulhus & Williams, 2002).

De acordo com os estudos empíricos, o elemento subjacente comum tanto pode ser a Amabilidade (Egan & McCorkindale, 2007; Jakobwitz & Egan, 2006), como a Honestidade-Humildade (Ashton & Lee, 2001; Book et al., 2015; Lee & Ashton, 2005), ou até o antagonismo interpessoal (Lynam & Derefinko, 2005). Enquanto que, para Jonason e seus colaboradores (2009), esse fator comum é a exploração social, segundo Jones e Paulhus (2011a), é a falta de empatia sentida pelos outros (i.e., insensibilidade afetiva). Independentemente do motivo da sobreposição empírica mencionada, verifica-se que a insensibilidade está associada à manipulação emocional e à exploração interpessoal (Jones & Figueredo, 2013).

As dimensões da Tríade Negra estão também correlacionadas com algumas características que se podem manifestar em amostras de adolescentes (Chabrol et al., 2009; Klimstra et al., 2014; Lau & Marsee, 2013) e que têm relevância para vários resultados psicossociais, tais como o comportamento sexual "arriscado" (Jonason et al., 2009), o uso de drogas (Gott & Hetzel-Riggin, 2018), a impulsividade (Jones & Paulhus, 2011), o autocontrolo limitado (Jonason & Tost, 2010) e, até mesmo, os pequenos furtos (Lyons & Jonason, 2015).

Segundo Pechorro, Jonason e seus colaboradores (2019), a pesquisa sobre os traços da Tríade Negra tem-se focado pouco em indivíduos com menos de 18 anos, existindo apenas seis trabalhos de investigação nesse âmbito. Ao proceder à avaliação

desses traços em amostras escolares e da comunidade, grande parte dos estudos verificou associações positivas únicas entre cada traço de personalidade e diversas manifestações de comportamento delinquente (Chabrol et al., 2009; Wright et al., 2017), agressão (Kerig & Stellwagen, 2010; Muris et al., 2013), desregulação emocional/comportamental (Lau & Marsee, 2013) e tomada de risco (Malesza & Ostaszewski, 2016). Existe ainda um outro estudo que utilizou uma amostra escolar de jovens holandeses (Klimstra et al., 2014) e que demonstrou associações únicas de cada traço da Tríade Negra com formas particulares de agressão.

O Maquiavelismo, o Narcisismo e a Psicopatia apresentam um caráter maligno através da exibição de comportamentos emocionalmente insensíveis (Paulhus & Williams, 2002; Pechorro, Caramelo et al., 2019). Estes três traços podem ser considerados potencialmente relevantes e úteis para a compreensão do desenvolvimento de características indesejáveis e nefastas.

1.1.1. Maquiavelismo

O Maquiavelismo apresenta uma etiologia distinta comparativamente aos outros dois traços da Tríade Negra, uma vez que é um conceito utilizado para se referir à filosofia de Nicolau Maquiavel e que tem sido mais frequentemente estudado na literatura da personalidade social (McHoskey et al., 1998).

Os psicólogos sociais, Christie e Geis (1970), desenvolveram um instrumento, o MACH-IV, capaz de avaliar quantitativamente este traço de personalidade distinto, tendo por base declarações do livro "O Príncipe", escrito por Maquiavel. Segundo estes autores, indivíduos que pontuam valores elevados neste constructo são mais orientados para objetivos do que para pessoas, dando prioridade máxima às motivações auto-interessadas de dinheiro, poder e competição (Jakobwitz & Egan, 2006; Pechorro, Caramelo et al., 2019). De acordo com Maquiavel, os indivíduos que revelam altos níveis de características maquiavélicas são cínicos, não têm princípios e acreditam que a chave para o sucesso na vida e para se comportarem de forma adequada reside na manipulação estratégica e interpessoal (Jones & Paulhus, 2009).

O Maquiavelismo, visto como "a personalidade manipuladora", caracteriza-se por ser um padrão de comportamento que requere planeamento e autocontrolo no uso de outras pessoas para alcançar os objetivos já delineados por via da manipulação, da

exploração e do engano (Fehr et al., 1992; Jones & Paulhus, 2009; Pechorro, Caramelo et al., 2019; Rauthmann & Will, 2011). Dos três, este traço é o mais provável de ser modificado pela experiência, sendo, desta forma, encarado como a personalidade mais flexível. Essa flexibilidade verifica-se em diversos contextos como o local de trabalho (i.e., através do uso de *soft tactics*[1] e *hard tactics*[2]), os estilos de acasalamento (i.e., a adoção de um estilo de acasalamento mais estratégico e regulado que mantém o relacionamento – perspetivas a longo prazo), o ambiente escolar (i.e., fraude nos exames e plágio em trabalhos escolares), o meio interpessoal [i.e., atitude cínica em relação aos outros (Rauthmann, 2012) e uso do humor agressivo como estratégia interpessoal (Martin et al., 2012; Veselka et al., 2010)] e antissocial (i.e., malícia, cautela e deliberação na demonstração dos comportamentos; Williams et al., 2010).

De acordo com Miller e seus colaboradores (2016), diversos autores têm vindo a argumentar sobre a relação distinta entre o Maquiavelismo e a psicopatia, referindo que o Maquiavelismo é uma "medida global da psicopatia" (p. 205; McHoskey et al., 1998); Glenn e Sellbom (2015), incluindo Cleckley (1941), afirmam que os dois constructos são conceptualmente semelhantes, declarando que "o conceito de Maquiavelismo, ou um estilo de manipulação e exploração, tem sido descrito como uma característica central da psicopatia, começando com relatos muito precoces" (p. 363). Adicionalmente, muitos dos principais instrumentos de avaliação da psicopatia incluem conteúdos relacionados com o Maquiavelismo, servindo de exemplos a subescala de "*Machiavellianism Egocentricity*" no *Psychopathic Personality Inventory-Revised* (PPI-R; Lilienfeld & Widows, 2005); os itens de "*conning/manipulative*", de "*pathological lying*" e de "*glibness/superficial charm*" na *Psychopathy Checklist-Revised* de Hare (PCL-R; Hare, 1991, 2003); o fator de "*Interpersonal Manipulation*" na *Self-Report Psychopathy Scale-III* de Hare (SRP-III; Paulhus et al., 2009); e a escala de "*Manipulation*" na *Elemental Psychopathy Assessment* (EPA) de Lynam e seus colaboradores (2011).

[1] São técnicas que apoiam a autonomia do objetivo ao tentar fazer com que alguém pense ou aja de determinada maneira, tornando essa alternativa mais apelativa do que outras. Por exemplo, tentar persuadir através da razão ou da emoção e dizer coisas simpáticas sobre a pessoa, ao que chamamos de insinuação ou oferecer algo em troca.

[2] Estas estratégias ameaçam a autonomia do objetivo, tentam fazer com que alguém pense ou faça algo específico, empurrando-o metaforicamente nessa direção. Por exemplo, fazer referência à autoridade formal.

Ainda de acordo com Miller e seus colaboradores (2016), os Maquiavélicos tendem a ser vistos como ambiciosos, estratégicos, capazes de atrasar a gratificação, manipuladores, cautelosos, deliberados e amorais. Contudo, os resultados empíricos são contrários a estas descrições teóricas, na medida em que indicam que estes indivíduos se descrevem como impulsivos, descuidados, indisciplinados, relaxados e modestos. Ou seja, embora existam diferenças entre as descrições teóricas da psicopatia e do Maquiavelismo, estas parecem não ser confirmadas a nível empírico. Assim sendo, a sobreposição pode resultar de deficiências nos instrumentos de medida atuais do Maquiavelismo que não avaliam o constructo de forma fiel às descrições teóricas.

1.1.2. Psicopatia

O conceito da Psicopatia tem origem na literatura e na prática clínica (Furnham & Crump, 2005), partilhando características com o diagnóstico de Perturbação de Personalidade Antissocial com especificador, de acordo com o DSM-5 (APA, 2013). No entanto, a classificação psiquiátrica é, tradicionalmente, categorial, tendo que se atingir um número de critérios pré-estabelecido numa escala para ser classificado com determinada patologia. Contudo, a avaliação da personalidade *standard* tem-se baseado nos modelos dimensionais (e.g., *The Big Five*; o modelo PEN) e no uso de questionários que avaliam determinados traços e/ou características, sendo os traços patológicos vistos como os extremos do intervalo normativo (Wiggins & Pincus, 1989). Posto isto, a Psicopatia tem sido frequentemente associada, por exemplo, a pontuações extremamente baixas nos traços de Amabilidade e de Conscienciosidade (Eysenck & Eysenck, 1985).

Este traço é caracterizado por altos níveis de impulsividade imprudente (Newman, 1987) e de busca de sensações, bem como por baixos níveis de empatia (Hare, 1985; Paulhus & Williams, 2002). Tendo por referência o nível subclínico, a Psicopatia é conceptualizada como a personalidade mais malévola da Tríade Negra (Rauthmann, 2012). Segundo Rauthmann e Kolar (2012), indivíduos com desempenhos elevados em escalas que avaliem a Psicopatia, habitualmente, exibem comportamentos antissociais, o que muitas vezes leva à adoção de um padrão de comportamento destrutivo relativamente aos outros e a si próprio.

Para alguns autores, a Psicopatia é encarada como uma perturbação desenvolvimental (Lynam et al., 2007) marcada por características interpessoais (e.g., ser

superficialmente encantador, narcisista e manipulador), afetivas (e.g., ser insensível, não expressar emoção, ter falta de empatia e remorsos) e antissociais/estilo de vida desviante (e.g., ser impulsivo, busca de emoções e sensações, irresponsável e propenso a comportamentos antissociais; Cooke & Michie, 2001; Hare, 2003). Assim, a Psicopatia constitui-se pela presença de um certo tipo de traços de personalidade, tais como traços de grandiosidade/manipulação, traços de frieza/insensibilidade emocional e também por um padrão comportamental impulsivo/irresponsável (e.g., a adoção de um estilo de acasalamento claramente impulsivo e agressivo – perspetivas a curto prazo; Jones & Paulhus, 2011b).

Uma outra característica presente em amostras de jovens com percursos desviantes é o comportamento agressivo. Os seus índices elevados tornam relevante a integração das suas dimensões na avaliação deste constructo. A agressividade pode manifestar-se de forma impulsiva e impensada (i.e., função reativa) e/ou pode ser motivada por desejo de domínio, por razões sádicas, por não provocação e ser premeditada (i.e., função proativa; Frick & Marsee, 2006, citado por Marsee et al., 2011). Segundo Pechorro e seus colaboradores (2015), o que distingue estes dois tipos de agressividade é o processamento emocional. Por exemplo, a agressividade reativa é motivada pela provocação, percebida ou real, devido a um enviesamento de atribuição hostil (Chase et al., 2001). Por outro lado, a agressividade proativa é frequentemente descrita como insensível, sem emoção, ponderada, instrumental e motivada por recompensas externas (Blair, 2003). Especificamente, a agressividade reativa está relacionada a desregulação emocional e a problemas de internalização (e.g., ansiedade, depressão e isolamento), enquanto que a agressividade proativa está associada a problemas de externalização (e.g., delinquência, problemas de conduta e violência) e à psicopatia (Card & Little, 2006; Cima & Raine, 2009).

Entre os instrumentos desenvolvidos para avaliar a Psicopatia, destaca-se a *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R; Hare, 1991, 2003). É o instrumento mais utilizado em estudos empíricos, sendo considerado o *"gold standard"* para a medição da Psicopatia forense. Com base no PCL-R, foram também desenvolvidas outras versões, tendo em vista a redução do tamanho da escala e a sua aplicação em amostras de crianças e adolescentes, como por exemplo, a *Psychopathy Checklist: Screening Version* (PCL:SV; Hart et al., 1995) e o *Antisocial Process Screening Device* (APSD; Frick &

Hare, 2001) e o *Psychopathy Checklist: Youth Version* (PCL:YV; Forth et al., 2003), respetivamente. Na literatura da Tríade Negra, a medida de avaliação da Psicopatia mais usada é a *Self-Report Psychopathy Scale* (SRP-IV; Paulhus et al., 2016). No entanto, existem medidas mais curtas que também avaliam este traço, tal como a *Short Dark Triad* (SD3; Jones & Paulhus, 2014), e que medem principalmente uma conceptualização geral (i.e., constructo que avalia padrões de comportamento imprudente e antissocial) da Psicopatia.

1.1.3. Narcisismo

Tal como a psicopatia, o Narcisismo tem também origem na literatura e na prática clínica (Furnham & Crump, 2005), sendo, desta forma, também considerado um síndrome clínico (i.e., uma perturbação da personalidade), de acordo com o DSM-V (APA, 2013). Uma das medidas de personalidade mais amplamente utilizadas para níveis não-clínicos do traço de Narcisismo é o *Narcissistic Personality Inventory* (NPI; Raskin & Hall, 1979; Raskin & Terry, 1988). Este instrumento não pretende ser usado no diagnóstico da Perturbação de Personalidade Narcísica (DSM-V; APA, 2013), mas sim para avaliar o Narcisismo subclínico, ou seja, indivíduos que atinjam pontuações muito elevadas no NPI não preenchem, necessariamente, todos os critérios de diagnóstico da Perturbação de Personalidade Narcísica.

O Narcisismo é caracterizado por um sentimento exagerado de grandiosidade, *entitlement*[3], domínio e superioridade (Paulhus & Williams, 2002), ou seja, por uma necessidade excessiva de admiração que frequentemente ocorre às custas de outros (i.e., atributos de autoadmiração, vaidade e arrogância; Morf & Rhodewalt, 1993, 2001; Pechorro, Caramelo et al., 2019; Raskin & Terry, 1988). Os indivíduos com características narcísicas são impulsivos (Jones & Paulhus, 2011b) e têm tendência para se envolver em comportamentos exibicionistas (e.g., gabar-se), com vista à construção das suas grandiosas visões do *self*. Contudo, apesar das suas opiniões acerca do seu *self*

[3] Refere-se à crença de que a importância, a superioridade ou a singularidade de uma pessoa deve resultar num tratamento especial e na obtenção de recursos extras, incluindo uma disposição para os exigir. Por exemplo, ser mais respeitado, ganhar mais dinheiro e receber mais crédito por fazer o mesmo trabalho que todos os outros.
Deu-se preferência ao uso do termo em inglês, em virtude de não se ter encontrado uma tradução que transmitisse, de forma fiel, o seu significado.

serem extremamente elevadas, elas também se demonstram bastante instáveis e vulneráveis (Baumeister et al., 1996; Paulhus & John, 1998).

Por outras palavras, estes indivíduos encontram-se, continuamente, motivados e preocupados com a regulação e manutenção dos seus níveis irrealisticamente elevados de autoestima, de valor, de conceito e de superioridade sobre os outros (i.e., atributo de autoaperfeiçoamento; Raskin et al., 1991). Por conseguinte, são também descritos como sendo hipersensíveis a críticas (Bushman & Baumeister, 1998) e sem empatia (APA, 2013), o que faz com que expressem comportamentos agressivos com mais frequência em resposta a um insulto percebido ou à falta de respeito adequado (Vazire & Funder, 2006).

Segundo Barry e Kauten (2014), existem dois fatores empiricamente derivados do Narcisismo adolescente – o Narcisismo patológico e não-patológico. Com o seu estudo, estes autores corroboraram que o Narcisismo patológico consiste na presença de elementos vulneráveis e grandiosos do Narcisismo numa amostra de adolescentes em risco. Para além disso, este subdomínio do Narcisismo é claramente indicador de uma maior amplitude de desajustamento, sendo associado, mais especificamente, à agressão reativa e proativa, a baixa autoestima, à ansiedade, à depressão, ao *stress* social, a autoestima contingente elevada e a perceções negativas em relação à qualidade dos relacionamentos interpessoais.

No entanto, o fator não-patológico do Narcisismo apresenta uma trajetória distinta. Apesar de ambos os fatores partilharem uma associação positiva com a agressão, o que é consistente com as evidências em adultos (Roche et al., 2013), relativamente à autoestima, à ansiedade, ao *stress* social e à qualidade percebida das relações interpessoais, as associações manifestaram-se em direções opostas. Este fator não só parece estar mais intimamente relacionado com a descrição de Wink (1991) acerca das demonstrações de superioridade como sendo um elemento do Narcisismo, como também parece incorporar uma forma de Narcisismo adolescente que envolve autoconfiança, uma disposição para se envolver em comportamentos delinquentes ou agressivos, e uma relativa falta de preocupação com o impacto desses comportamentos nos outros. Além disso, alguns aspetos do Narcisismo não-patológico (i.e., autossuficiência) podem funcionar como veículos para atender a determinadas exigências desenvolvimentais durante a adolescência (Hill & Roberts, 2011; Lapsley & Aalsma, 2006), embora pareçam

ser mais indicativos de um ajuste psicossocial positivo em adultos, estando assim mais fortemente associados com a dimensão da autoestima (Barry et al., 2003).

Em suma, o Narcisismo patológico parece envolver duas características do Narcisismo (i.e., vulnerável e grandioso) que podem estar relacionadas a diferentes formas de desajustamento, onde existe tendência para relatos de autoavaliações negativas. Enquanto que, no que diz respeito ao Narcisismo não-patológico, parece corresponder a uma autoavaliação positiva, cujas características mais evidentes se descrevem como crenças de superioridade, de capacidade de liderança e de tomar decisões ou de se responsabilizar por uma tarefa.

Alguns autores sugeriram que certas características, tais como elevada autoestima, baixa ansiedade e outros constructos positivos, podem não se encaixar verdadeiramente no conceito de Narcisismo (Rosenthal & Hooley, 2010), com Miller e Campbell (2011) a argumentar que uma "*self-view*", caracterizada por uma extrema confiança na sua capacidade de liderança e de autossuficiência pode, de facto, ser sugestiva da presença do traço de Narcisismo. É necessário, portanto, um debate mais aprofundado sobre as definições conceptuais deste traço de personalidade e procurar saber de que modo é visto o seu desenvolvimento antes da idade adulta, isto é, se deve ser encarado como um exagero dos processos normais de desenvolvimento ou como uma representação de um desenvolvimento distinto e patológico de um *self* instável.

Por outro lado, de acordo com Pechorro, Gentile e seus colaboradores (2016), o Narcisismo é considerado um constructo importante na compreensão da delinquência juvenil (Barry et al., 2007). A título de exemplo, os aspetos mal-adaptativos do Narcisismo (e.g., exibicionismo, exploração e *entitlement*[3]) podem tornar os jovens mais sensíveis a ameaças pessoais e, por sua vez, os indivíduos podem ser mais propensos a experienciar emoções negativas, tal como a raiva, o que leva à adoção de comportamentos indesejáveis (e.g., agressão) em situações sociais (e.g., Baumeister et al., 1996). Adicionalmente, jovens que são altamente narcisistas, podem envolver-se em comportamentos delinquentes como forma de restabelecer e de manter o seu elevado estatuto social entre os pares (Barry et al., 2009). Alguns autores (e.g., Hill & Lapsley, 2011) destacaram ainda que o Narcisismo pode ser caracterizado por uma hipersensibilidade mal-adaptativa aos outros e por um aumento da ansiedade em situações sociais.

Segundo as noções anteriormente abordadas, diversos estudos têm encontrado, de forma consistente, uma associação entre o Narcisismo e o comportamento antissocial entre amostras de jovens e jovens adultos (e.g., Barry et al., 2007; Chabrol et al., 2009; Miller et al., 2010). Além disso, a investigação descobriu associações importantes entre o *Narcissistic Personality Inventory* (NPI; Raskin & Hall, 1979; Raskin & Terry, 1988) e critérios externos conhecidos por estarem associados a delitos juvenis, tais como uma associação positiva entre os aspetos mal-adaptativos do Narcisismo e os instrumentos de medida dos traços de frieza e insensibilidade emocional (Barry et al., 2003; Feilhauer et al., 2012); correlações positivas entre o Narcisismo e traços psicopáticos, maquiavélicos e sádicos (Andershed et al., 2002; Chabrol et al., 2009); e relações positivas entre o Narcisismo, a impulsividade e a procura de risco (Chabrol et al., 2009). Da mesma forma, vários estudos demonstraram que o Narcisismo e a psicopatia exibem relações semelhantes aos componentes da impulsividade, especificamente a alta abordagem e a baixa motivação para o evitamento (Foster & Trimm, 2008; Newman et al., 2005), bem como a urgência positiva e a busca de sensações (Miller et al., 2010).

Dada a forte associação entre a psicopatia e a agressão (e.g., Porter & Woodworth, 2006), também não é surpreendente que a investigação tenha igualmente identificado uma associação entre o Narcisismo mal-adaptativo e as medidas de agressão (Ang & Yusof, 2005; Barry et al., 2007; Washburn et al., 2004). Entre os adultos, o Narcisismo tem sido associado à agressão após provocação e rejeição social (Bushman & Baumeister, 1998; Twenge & Campbell, 2003), bem como a uma maior disposição para recorrer à agressão física ou verbal, a fim de resolver disputas hipotéticas (Miller et al., 2011). O Narcisismo também tem sido associado a uma maior incidência para o envolvimento em lutas físicas (Miller et al., 2010) e para a falta de empatia (Watson et al., 1984). Relativamente a outros comportamentos externalizantes, as evidências têm sido menos consistentes, com alguns estudos a demonstrar uma relação positiva entre o Narcisismo e o consumo de álcool (Luhtanen & Crocker, 2005), roubo e jogo a dinheiro (Miller et al., 2010) entre jovens adultos.

Em resumo, as evidências empíricas parecem sugerir não só que o Narcisismo pode ser uma característica importante subjacente ao comportamento antissocial entre os jovens, mas também que o *Narcissistic Personality Inventory* (NPI; Raskin & Hall, 1979; Raskin & Terry, 1988) é um instrumento relevante entre as amostras de jovens

antissociais. No entanto, a investigação existente é limitada de várias formas. Primeiro, a investigação que examina o NPI centrou-se, principalmente, em amostras de jovens não detidos. Alguns estudos utilizaram amostras combinadas da comunidade e de jovens detidos para analisar as associações entre o Narcisismo e outras variáveis (e.g., traços de frieza e insensibilidade emocional), tornando impossível determinar como é que essas relações se podem manifestar numa amostra mais homogénea de jovens infratores. Além disso, poucos estudos exploraram o NPI interculturalmente, à exceção de Ang e Yusof (2005) e Feilhauer e seus colaboradores (2012) que utilizaram uma amostra japonesa e uma amostra holandesa, respetivamente. Assim, são necessários mais trabalhos de investigação para avaliar as propriedades psicométricas do NPI e das suas versões breves em amostras culturalmente distintas. Por fim, referir ainda que apenas um estudo (i.e., Chabrol et al., 2009) testou a utilidade de versões mais curtas do NPI entre amostras de jovens, tratando-se de uma importante linha de investigação, uma vez que os delinquentes juvenis, nomeadamente aqueles que se encontram detidos no sistema de justiça, podem estar mais suscetíveis aos efeitos negativos (e.g., fadiga) de inquéritos longos.

1.1.4. *Short Dark Triad* (SD3)

Uma das escalas mais breves que predomina atualmente na investigação da Tríade Negra e que avalia os três constructos em simultâneo, sendo, deste modo, o foco do presente estudo, é a *Short Dark Triad* (SD3; Jones & Paulhus, 2014). A SD3 foi desenvolvida de forma a avaliar a Tríade Negra nos moldes em que foi conceptualizada por Jones e Paulhus (2011a), com enfoque nas conceções clássicas e nas facetas apropriadas de cada característica. Nomeadamente, os Maquiavélicos como sendo manipuladores estratégicos, os Narcisistas como sendo autopromotores que procuram atenção e os Psicopatas como sendo impulsivos em busca de sensações (Paulhus & Jones, 2015; Pechorro, Caramelo et al., 2019).

Os traços de personalidade da Tríade Negra são frequentemente avaliados individualmente, usando os três instrumentos de referência de cada traço: o MACH-IV (Christie & Geis, 1970), o *Narcissistic Personality Inventory* (NPI; Raskin & Hall, 1979) e a *Self-Report Psychopathy Scale* (SRP-IV; Paulhus et al., 2016). Todavia, houve a necessidade de desenvolver versões reduzidas de cada uma dessas escalas, tais como a *Dirty Dozen* (DD; Jonason & Webster, 2010) e, mais recentemente, a SD3 (Jones &

Paulhus, 2014), uma vez que facilitam quer o estudo simultâneo de cada traço de personalidade, quer no tempo despendido para a conclusão da tarefa de avaliação. Posto isto, e perante certas populações-alvo (e.g., jovens delinquentes), torna-se imperativo desenvolver mais escalas breves e válidas que avaliem o constructo da personalidade (Pechorro, Caramelo et al., 2019).

1.1.5. Fatores de risco subjacentes à delinquência juvenil

Muitos dos indivíduos que exibem comportamentos antissociais graves e persistentes apresentam, desde cedo, certas características que os levarão, mais tarde, a envolver-se na delinquência e no crime (Fonseca, 2004). Desta forma, os fatores de risco podem ser vistos como as variáveis que aumentam a probabilidade da ocorrência de comportamentos antissociais e delinquentes (Matos et al., 2009; Negreiros, 2001).

A literatura, através do contributo dos estudos longitudinais, tem associado diversos fatores de risco individuais à delinquência juvenil. Esse conjunto de características preditoras inclui a hiperatividade, a impulsividade, défices de atenção, baixo nível de inteligência e competências verbais reduzidas (cf. estudo de Cambridge; Farrington, 2004; Farrington et al., 1998; Simões, 2003); o temperamento difícil (cf. Caspi, 2000); a agressividade (cf. estudo de Dunedin; Moffitt & Caspi, 2000); a vivência de emoções negativas (cf. estudo de Pittsburgh; Loeber et al., 1998); défices neuropsicológicos e a delinquência autorrevelada (cf. estudo de Dunedin; Henry & Moffitt, 1997; Moffitt, 1990); e défices sociocognitivos e emocionais (cf. Bear et al., 2003; Huesmann, 1997; Lösel & Bender, 2003).

II – Objetivos e hipóteses de investigação

2.1. Objetivos

Essencialmente, este estudo visa analisar as relações entre os traços da Tríade Negra – Maquiavelismo, Psicopatia e Narcisismo –, medidos pela *Short Dark Triad* (SD3), e as variáveis selecionadas, medidas pelas suas respetivas escalas, – a empatia (BES-SF), a impulsividade (BIS-11-SF), a agressividade (PCS-SF) e a delinquência (ASRDS).

Adicionalmente, pretender-se-á conhecer a aplicabilidade futura destes instrumentos de medida em instituições onde a avaliação destes traços de personalidade em jovens com percursos delinquentes constitui uma mais-valia, procurando-se, assim, perceber de que forma é que essa avaliação poderá vir a facilitar o desenvolvimento e a utilização de estratégias de intervenção mais eficazes e ajustadas ao contexto de cada jovem.

2.2. Hipóteses de investigação

Pretende-se estudar as hipóteses de investigação descritas abaixo:

HH_1: Existe um efeito da Tríade Negra na agressividade proativa explícita;

HH_2: Existe um efeito da Tríade Negra na empatia cognitiva;

HH_3: Existe um efeito da Tríade Negra e da dimensão motora da impulsividade na delinquência;

HH_4: Existe um efeito da Tríade Negra na idade da 1ª ilegalidade.

III – Metodologia

3.1. Participantes

A amostra forense total é constituída por 52 participantes do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos (M = 16.15; DP = 1.06), provenientes dos Centros Educativos de Vila do Conde, do Porto e de Coimbra. Em termos sociodemográficos, grande parte dos participantes é de origem europeia (96.0%) e os restantes são oriundos dos países africanos e da América do Sul (3.8%), de um ambiente predominantemente urbano/semi-urbano (94.2%). Em relação ao estatuto socioeconómico (ESE), 4.3% dos participantes apresenta um ESE baixo, 46.8% um ESE médio-baixo, 31.9% um ESE médio e 17.1% um ESE médio-alto. Ao nível da escolaridade, os participantes tinham completado uma média de 7 anos (M = 6.52; DP = 1.44; amplitude = 4–9 anos). Cerca de 63.5% dos participantes relataram já ter estado internados em centros de detenção juvenil. No universo atual português, composto por seis Centros Educativos (N = 146 jovens internados), foram contactados três, das regiões Norte e Centro, dos quais o número total de jovens entrevistados foi de 68, cerca de 47% (Fonte: SIRS, novembro 2019).

3.2. Instrumentos

A ***Short Dark Triad*** (SD3; Jones & Paulhus, 2014) é uma medida de autorresposta breve de 27 itens, desenhada para avaliar os traços de personalidade da Tríade Negra – as dimensões de Maquiavelismo, Narcisismo e Psicopatia – com nove itens cada. Desenvolvida originalmente para adultos, pode também ser utilizada com adolescentes. Os participantes indicam a sua concordância usando uma escala de Likert de cinco pontos (1 = Discordo fortemente a 5 = Concordo fortemente). Pontuações mais elevadas indicam a presença das características associadas a cada dimensão. Na presente investigação foi utilizada a versão portuguesa da SD3 (Pechorro, Caramelo et al., 2019). A consistência interna, estimada por alfa de Cronbach, obtida no presente estudo foi de: Maquiavelismo = .64; Narcisismo = .75; Psicopatia = .76.

A **Escala de Empatia Básica – Versão Breve** (*Basic Empathy Scale – Short Form*; BES-SF; Salas-Wright et al., 2012) é uma versão adaptada da BES original (Jolliffe & Farrington, 2006) composta por sete itens, concebida para medir duas dimensões da empatia em adolescentes: empatia afetiva (3 itens) e empatia cognitiva (4 itens). Cada item é cotado em escala ordinal de cinco pontos, de *Discordo totalmente* a *Concordo totalmente*. Pontuações mais elevadas indicam níveis de empatia mais elevados. Na presente investigação foi utilizada a versão portuguesa da BES-SF (Pechorro, Jesus et al., 2018). A consistência interna para o presente estudo, calculada por coeficiente alfa de Cronbach, obteve um valor de: BES-SF total = .65; dimensão afetiva = .74; dimensão cognitiva = .66.

A **Escala de Impulsividade de Barratt – 11 – Versão Breve** (*Barratt Impulsiveness Scale – 11 – Short Form*; BIS-11-SF) é uma versão reduzida da BIS-11 original (Patton et al., 1995; Stanford et al., 2009) composta por 18 itens e projetada para medir a impulsividade. Os itens são cotados numa escala ordinal de quatro pontos, de *Raramente/Nunca* a *Quase sempre/Sempre*. Esta escala de autorresposta tem três fatores de primeira ordem, nomeadamente: Atenção (5 itens), Motora (7 itens) e Autocontrolo (6 itens). Pontuações mais elevadas indicam maior presença de impulsividade. Na presente investigação foi utilizada a versão portuguesa da BIS-11-SF (Pechorro, Oliveira et al., 2018). O coeficiente alfa de Cronbach desta escala no presente estudo foi de: BIS-11-SF total = .82; dimensão da atenção = .73; dimensão motora = .80; dimensão do autocontrolo = .66.

A **Escala de Conflito entre Pares – Versão Breve** (*Peer Conflict Scale – Short Form*; PCS-SF; Russell, 2014) é uma versão abreviada da PCS original (Marsee et al., 2011) constituída por 20 itens que avalia a agressividade existente entre os grupos de pares. As respostas são dadas segundo uma escala ordinal de quatro pontos (0 = Não é verdade; 1 = Um pouco verdade; 2 = Muito verdade; 3 = Totalmente verdade). Este instrumento de autorresposta está ainda subdividido em quatro fatores com cinco itens cada, nomeadamente: *Reactive Relational*, *Proactive Relational*, *Reactive Overt* e *Proactive Overt*. Pontuações mais elevadas indicam maior presença de agressividade. Na presente investigação foi utilizada a versão portuguesa da PCS-SF (Pechorro et al., 2017). A consistência interna para o presente estudo, estimada pelo alfa de Cronbach, foi de: PCS-SF total = .89; dimensão reativa relacional = .67; dimensão proativa relacional = .53; dimensão reativa explícita = .80; dimensão proativa explícita = .84.

A **Escala de Delinquência Autorrelatada Adaptada** (*Adapted Self-Report Delinquency Scale*; ASRDS; Carroll et al., 1996) baseia-se na Escala de Delinquência Autorrelatada (*Self-Reported Delinquency Scale*) de nove subescalas de Mak (1993). É uma medida de autorresposta de 35 itens, desenhada para avaliar um amplo espectro de atividades delituosas e antissociais que variam de delitos menores a ofensas mais graves. Os participantes relatam a frequência com que eles se envolveram em atos delinquentes durante os últimos 12 meses através de uma escala de Likert de seis pontos: *Nunca*; *1-3 vezes*; *4-6 vezes*; *Uma vez por mês*; *Mais que uma vez por mês*; *Mais que uma vez por semana*. Esta escala possui ainda sete fatores, nomeadamente: *Theft and burglary*, *Motor vehicle offenses*, *Drug-related offenses*, *Assault*, *Vandalism*, *School-related offenses* e *Public disorder*. Pontuações mais elevadas indicam maior frequência no envolvimento em atividades delinquentes e antissociais. As pontuações obtidas nesta escala podem ser utilizadas como um índice de atividade criminal, inclusive para obtenção de valores de incidência e de prevalência. Na presente investigação foi utilizada a versão portuguesa da ASRDS (Pechorro, Houghton et al., 2019). A consistência interna, estimada por alfa de Cronbach, obtida no presente estudo foi de: ASRDS total = .95; dimensão "Furto e roubo" = .80; dimensão "Delitos a veículos a motor" = .94; dimensão "Delitos relacionados com drogas" = .81; dimensão "Assalto" = .85; dimensão "Vandalismo" = .79; dimensão "Delitos relacionados com a escola" = .81; dimensão "Desordem pública" = .49.

3.3. Procedimentos

No âmbito desta investigação foi necessário contactar a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), integrada no Ministério da Justiça, de forma a autorizar a aplicação dos questionários nos Centros Educativos, que serviu de base à amostra forense (cf. Anexo A). Após se ter obtido autorização por parte da DGRSP, a recolha dos questionários em meio forense decorreu entre os meses de agosto e outubro de 2019. Foram feitas aplicações apenas em três Centros Educativos existentes na altura a nível nacional, mais concretamente os Centros Educativos de Vila do Conde, do Porto e de Coimbra. Os diretores de cada Centro Educativo foram previamente contactados, via telefónica e via e-mail, para combinar datas de deslocação e condições de aplicação dos questionários. Foi explicado, sucintamente, a cada um dos jovens o objetivo do presente estudo, sendo-lhes salientado que a sua participação era inteiramente voluntária, que os dados recolhidos eram anónimos e confidenciais e que, de forma alguma, esses dados estariam relacionados com o cumprimento da sua medida em Centro Educativo.

O protocolo de avaliação elaborado e aplicado à amostra forense era precedido pelo termo de consentimento informado, dando assim conhecimento formal aos participantes do carácter voluntário, confidencial e relevante do estudo em questão (cf. Anexo B). Após serem assegurados o anonimato e a confidencialidade dos dados e esclarecidas eventuais dúvidas existentes, foi pedido a cada um dos jovens que assinasse o termo de consentimento informado. De seguida e antes do preenchimento das escalas de autorresposta, realizou-se uma entrevista breve, tendo por base o questionário sociodemográfico, com o propósito de recolher, na primeira pessoa, informação contextual relevante da história de vida dos jovens participantes e, deste modo, fazer uma interpretação, o mais rigorosa possível, dos dados quantitativos e qualitativos. A aplicação dos questionários foi feita individualmente, estando a investigadora sempre presente para dar instruções de preenchimento, esclarecer quaisquer dúvidas que surgissem e registar dados de observação direta em relação ao comportamento, postura, discurso, entre outros, de cada um dos jovens.

Nem todos os jovens concordaram ou puderam participar, sendo que a não participação incluiu motivos como a recusa em participar (n=3), impossibilidade de participar devido ao não entendimento da língua portuguesa e/ou à falta de competências escolares tidas como básicas necessárias para responder de forma autónoma ao protocolo

de avaliação (i.e., leitura e escrita; *n*=6). De todos os questionários preenchidos pelos jovens que participaram (*n*=54), dois foram considerados inválidos. A taxa de participação foi de cerca de 86%.

3.4. Análise de dados

O tratamento dos dados relativos aos questionários considerados válidos foi efetuado através do *software* SPSS versão 25 (IBM Corp., 2017). Para proceder à análise estatística dos dados obtidos, recorreu-se a estatísticas descritivas, a correlações bivariadas paramétricas, à regressão linear e à análise da consistência interna por alfa de Cronbach.

Para responder ao objetivo principal do presente estudo, ou seja, analisar as relações entre os traços da Tríade Negra e determinadas variáveis de risco, procedeu-se ao teste estatístico da regressão linear pelo método *Enter* (Tabachnick & Fidell, 2013). Utilizou-se os coeficientes da Tolerância e do VIF para averiguar a inexistência de multicolinearidade. Para além disso, foram verificados e atendidos os pressupostos da linearidade, da independência e da distribuição normal dos erros (Leech et al., 2015). Relativamente às correlações bivariadas, dado que a distribuição das variáveis métricas cumpre o pressuposto da normalidade (i.e., valores de assimetria e curtose entre -2 e 2; Marôco, 2014), optou-se pela técnica paramétrica da correlação de Pearson. A consistência interna por alfa de Cronbach foi considerada marginalmente aceitável para valores entre .60 e .69, aceitável para valores entre .70 e .79, boa para valores entre .80 e .89, e excelente para valores superiores a .90 (Almeida & Freire, 2003). O tamanho do efeito, f^2 de Cohen, foi considerado pequeno para valores entre .02 e .12, médio para valores entre .13 e .25, e grande para valores iguais ou superiores a .26 (Cohen, 1988). Para a significância estatística, foi considerado o valor de $p \leq .05$.

IV – Resultados

4.1. Estatísticas descritivas

Quanto às variáveis sociodemográficas deste estudo, a sua caracterização encontra-se apresentada na Tabela 1.

Tabela 1. *Caracterização sociodemográfica da amostra*

Variáveis	N (%)	M (DP)	Min – Máx
Centro Educativo (CE)			
CE Vila do Conde	11 (21.2%)		
CE Porto	19 (36.5%)		
CE Coimbra	22 (42.3%)		
Idade		16.15 (1.06)	12 – 18
Nacionalidade			
Portuguesa	45 (86.5%)		
Países da Europa	2 (3.8%)		
Países de África	1 (1.9%)		
Portuguesa + Francesa	2 (3.8%)		
Portuguesa + Inglesa	1 (1.9%)		
Brasileira	1 (1.9%)		
Localidade			
Rural	3 (5.8%)		
Urbano/Semi-urbano	49 (94.2%)		
Escolaridade		6.52 (1.44)	4 – 9
Estatuto Socioeconómico (ESE)			
ESE baixo	2 (4.3%)		
ESE médio-baixo	22 (46.8%)		
ESE médio	15 (31.9%)		
ESE médio-alto	8 (17.1%)		
ESE alto	–		
Medicamentos psiquiátricos			
Não	29 (55.8%)		
Sim	23 (44.2%)		

Relativamente às variáveis criminais deste estudo, a sua caracterização encontra-se apresentada na Tabela 2.

Tabela 2. *Caracterização criminal da amostra*

Variáveis	M	DP	Min – Máx
Idade 1ª ilegalidade	11.96	2.38	5 – 15
Idade 1º problema com a lei	12.59	1.90	7 – 15
Idade 1ª entrada em CE	14.21	1.97	7 – 18

No que diz respeito às variáveis forenses deste estudo, as médias e os desvios-padrão encontram-se apresentados na Tabela 3.

Tabela 3. *Médias e desvios-padrão das variáveis forenses*

Variáveis	**Total (n=52)**	
	M	**DP**
Tríade Negra		
SD3 Maquiavelismo	28.77	5.10
SD3 Narcisismo	28.52	5.56
SD3 Psicopatia	29.65	6.33
Empatia		
BES-SF Afetiva	9.79	2.61
BES-SF Cognitiva	16.19	2.39
Impulsividade		
BIS-11-SF Atenção	12.75	3.51
BIS-11-SF Motora	17.21	4.88
BIS-11-SF Autocontrolo	12.21	3.32
Agressividade		
PCS-SF Proativa		
PCS-SF Proativa Explícita	3.58	3.96
PCS-SF Proativa Relacional	2.02	2.01
PCS-SF Reativa		
PCS-SF Reativa Explícita	7.17	4.08
PCS-SF Reativa Relacional	1.85	2.21
Delinquência		
ASRDS "Furto e roubo"	18.23	6.96
ASRDS "Delitos a veículos a motor"	18.94	11.01
ASRDS "Delitos relacionados com drogas"	23.27	8.77
ASRDS "Assalto"	12.98	7.01
ASRDS "Vandalismo"	15.54	7.89
ASRDS "Delitos relacionados com a escola"	11.83	4.60
ASRDS "Desordem pública"	17.42	5.44

Nota. SD3 = Escala breve da Tríade Negra; BES-SF = Escala de Empatia Básica – versão breve; BIS-11-SF = Escala de Impulsividade de Barratt – 11 – versão breve; PCS-SF = Escala de Conflito entre Pares – versão breve; ASRDS = Escala de Delinquência Autorrelatada Adaptada para Adolescentes.

4.2. Análises de Correlação

As correlações de Pearson[4] para as variáveis selecionadas são apresentadas na Tabela 4. O traço de Maquiavelismo (SD3 Maquiavelismo) revelou-se positivamente correlacionado com a empatia cognitiva (BES-SF Cognitiva), ainda que apresentando um coeficiente fraco. Este, demonstra, igualmente, correlações positivas com as dimensões da agressividade proativa (PCS-SF ProRelacional e ProExplícita), as quais apresentam, respetivamente, um coeficiente fraco e moderado.

O traço de Narcisismo (SD3 Narcisismo) demonstrou associações fracas e positivas com a empatia afetiva (BES-SF Afetiva), com a agressividade proativa (PCS-SF ProExplícita e ProRelacional) e com a delinquência (ASRDS Total).

Em relação ao traço de Psicopatia (SD3 Psicopatia), verificaram-se correlações moderadamente significativas e positivas com a empatia cognitiva (BES-SF Cognitiva), com a dimensão motora da impulsividade (BIS-11-SF Motora), com a agressividade proativa (PCS-SF ProExplícita e ProRelacional) e reativa explícita (PCS-SF ReaExplícita) e com a delinquência (ASRDS Total). Para além disso, o traço de Psicopatia (SD3 Psicopatia) evidenciou um coeficiente fraco e positivo na correlação com a agressividade reativa relacional (PCS-SF ReaRelacional).

[4] As correlações foram interpretadas segundo Field (2009).

Tabela 4. *Matriz de correlação r de Pearson entre traços de personalidade e variáveis de risco individuais*

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
1. SD3 Maquiavelismo	1																
2. SD3 Narcisismo	.54***	1															
3. SD3 Psicopatia	.51***	.48***	1														
4. BES-SF Total	.39**	.35*	.39**	1													
5. BES-SF Afetiva	.24	.29*	.19	.78***	1												
6. BES-SF Cognitiva	.35*	.23	.41**	.73***	.15	1											
7. BIS-11-SF Total	.10	.14	.40**	.17	.00	.26	1										
8. BIS-11-SF Atenção	.06	-.01	.18	.11	-.07	.24	.78***	1									
9. BIS-11-SF Motora	.18	.21	.44**	.22	-.04	.39**	.86***	.56***	1								
10. BIS-11-SF AuControlo	-.06	.09	.24	.02	.13	-.11	.59***	.20	.26	1							
11. PCS-SF Total	.40**	.26	.68***	.34*	.22	.30*	.36**	.12	.30*	.41**	1						
12. PCS-SF ProExplícita	.50***	.31*	.68***	.34*	.23	.29*	.29*	.09	.24	.34*	.91***	1					
13. PCS-SF ProRelacional	.39**	.32*	.53***	.22	.21	.11	.34*	.14	.23	.43**	.81***	.72***	1				
14. PCS-SF ReaExplícita	.21	.26	.61***	.29*	.15	.30*	.39**	.13	.36**	.38**	.83***	.66***	.49***	1			
15. PCS-SF ReaRelacional	.21	-.14	.28*	.23	.14	.21	.11	.04	.05	.18	.68***	.52***	.62***	.33*	1		
16. ASRDS Total	.11	.31*	.46**	.23	.02	.34*	.20	.01	.26	.14	.36**	.36**	.24	.44**	-.02	1	
17. Idade 1ª ilegalidade	.08	.09	-.20	-.06	.08	-.18	-.44**	-.38**	-.31*	-.31*	-.36*	-.27	-.45**	-.26	-.27	-.28*	1

Nota. SD3 = Escala breve da Tríade Negra; BES-SF = Escala de Empatia Básica – versão breve; BIS-11-SF = Escala de Impulsividade de Barratt – 11 – versão breve; PCS-SF = Escala de Conflito entre Pares – versão breve; ASRDS = Escala de Delinquência Autorrelatada Adaptada para Adolescentes.

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

4.3. Análises de Regressão Linear

A regressão linear para as variáveis preditoras – traços da Tríade Negra – e para a variável dependente – agressividade proativa explícita – é apresentada na Tabela 5. O modelo, quando as variáveis independentes acima referidas são consideradas em conjunto, prediz significativamente a presença de agressividade proativa explícita [F (3, 48) = 16.29; $p < .001$]. O valor de R^2 Ajustado é igual a .473, ou seja, 47.3% da variabilidade é explicada pelo modelo proposto. De acordo com Cohen (1988), o tamanho do efeito é grande.

Tabela 5. *Modelo de regressão linear dos traços da Tríade Negra na predição de agressividade proativa explícita*

Variáveis	*B*	SE *B*	β	*t*	Valor-*p*
SD3 Maquiavelismo	.20	.10	.25	1.95	.057
SD3 Narcisismo	-.09	.09	-.12	-.98	.331
SD3 Psicopatia	.38	.08	.61	4.98	< .001
Constante	-10.88	2.58		-4.22	< .001

Nota. SD3 = Escala breve da Tríade Negra; $R^2 = .50$; F (3, 48) = 16.29; $p < .001$

A regressão linear para as variáveis preditoras – traços da Tríade Negra – e para a variável dependente – empatia cognitiva – é apresentada na Tabela 6. O modelo, quando as variáveis independentes acima referidas são consideradas em conjunto, prediz significativamente a presença de empatia cognitiva [F (3, 48) = 3.85; $p < .05$]. O valor de R^2 Ajustado é igual a .144, ou seja, 14.4% da variabilidade é explicada pelo modelo proposto. De acordo com Cohen (1988), o tamanho do efeito é médio.

Tabela 6. *Modelo de regressão linear dos traços da Tríade Negra na predição de empatia cognitiva*

Variáveis	*B*	SE *B*	β	*t*	Valor-*p*
SD3 Maquiavelismo	.10	.08	.21	1.29	.202
SD3 Narcisismo	-.02	.07	-.04	-.24	.812
SD3 Psicopatia	.12	.06	.32	2.01	.050
Constante	10.27	1.99		5.17	< .001

Nota. SD3 = Escala breve da Tríade Negra; $R^2 = .19$; F (3, 48) = 3.85; $p < .05$

A regressão linear para as variáveis preditoras – traços da Tríade Negra, dimensão motora da impulsividade – e para a variável dependente – delinquência – é apresentada na Tabela 7. O modelo, quando as variáveis independentes acima referidas são consideradas em conjunto, prediz significativamente a presença de delinquência [F (4, 47) = 4.22; $p < .01$]. O valor de R^2 Ajustado é igual a .202, ou seja, 20.2% da variabilidade é explicada pelo modelo proposto. De acordo com Cohen (1988), o tamanho do efeito é médio.

Tabela 7. *Modelo de regressão linear dos traços da Tríade Negra e da dimensão motora da impulsividade na predição de delinquência*

Variáveis	*B*	SE *B*	β	*t*	Valor-*p*
SD3 Maquiavelismo	-2.00	1.28	-.25	-1.56	.126
SD3 Narcisismo	1.57	1.15	.21	1.37	.177
SD3 Psicopatia	2.97	1.07	.46	2.78	.008
BIS-11-SF Motora	.52	1.18	.06	.44	.659
Constante	33.80	34.26		.99	.329

Nota. SD3 = Escala breve da Tríade Negra; BIS-11-SF = Escala de Impulsividade de Barratt – 11 – versão breve; $R^2 = .26$; F (4, 47) = 4.22; $p < .01$

A regressão linear para as variáveis preditoras – traços da Tríade Negra – e para a variável dependente – idade da 1ª ilegalidade – é apresentada na Tabela 8. O modelo, quando as variáveis independentes acima referidas são consideradas em conjunto, não prediz significativamente a idade da 1ª ilegalidade [F (3, 47) = 1.83; $p > .05$]. O valor de R^2 Ajustado é igual a .047, ou seja, 4.7% da variabilidade é explicada pelo modelo proposto. De acordo com Cohen (1988), o tamanho do efeito é pequeno.

Tabela 8. *Modelo de regressão linear dos traços da Tríade Negra na predição da idade da 1ª ilegalidade*

Variáveis	*B*	SE *B*	β	*t*	Valor-*p*
SD3 Maquiavelismo	.08	.08	.17	.97	.336
SD3 Narcisismo	.08	.07	.18	1.04	.306
SD3 Psicopatia	-.14	.06	-.37	-2.24	.030
Constante	11.71	2.09		5.61	< .001

Nota. SD3 = Escala breve da Tríade Negra; $R^2 = .11$; F (3, 47) = 1.83; $p > .05$

V – Discussão

A delinquência juvenil constitui uma problemática social com implicações jurídicas, o que torna urgente a procura de explicações para a adoção de percursos desviantes, numa etapa de desenvolvimento crítica em termos de construção do *self*. Os traços de personalidade que integram o constructo da Tríade Negra – o Maquiavelismo, o Narcisismo e a Psicopatia – são vistos como características nefastas e preditoras de diferentes trajetórias de comportamento antissocial (Fonseca, 2004; Kowalski, 2001; Paulhus & Williams, 2002). A identificação precoce e, consequentemente, o trabalho preventivo orientado para a mudança dos processos de significação dos jovens transgressores torna-se, assim, uma prioridade. Por isso, a presente dissertação surge numa tentativa de colmatar a carência de investigação num contexto tão específico como é o de um Centro Educativo. Este estudo analisa as relações entre a Tríade Negra e variáveis de risco e, numa segunda fase, é explorado o papel preditor desses traços de personalidade nas variáveis de risco – empatia, impulsividade, agressividade e delinquência.

Tendo por base os objetivos desta investigação e a revisão bibliográfica elaborada, foram exploradas as associações entre cada dimensão da Tríade Negra e os fatores de risco estudados. Numa primeira análise, no modelo de regressão linear múltipla para a predição da agressividade proativa explícita, a combinação das variáveis prediz significativamente a agressividade proativa explícita, com apenas uma das variáveis preditoras – a Psicopatia – a contribuir de forma estatisticamente significativa para essa predição ($\beta = .61$). Os valores obtidos são reforçados pela associação moderadamente positiva que se verifica entre o traço de Psicopatia e a função proativa da agressividade. Este resultado, que vai ao encontro da literatura, é ilustrativo do carácter agressivo e de insensibilidade emocional apresentado pelos jovens com historial de delinquência e que pontuam no traço de Psicopatia (Cima & Raine, 2009; Marsee et al., 2011; Pechorro et al., 2015). Podemos então afirmar que existem evidências que nos permitem corroborar a hipótese colocada (cf. Hipótese 1).

No entanto, é de notar que o traço de Maquiavelismo apresenta um valor de *p* muito próximo do valor estipulado para a significância estatística ($p = .057$), com uma contribuição de $\beta = .25$. Este resultado não deixa de ser interessante, na medida em que os Maquiavélicos são caracterizados como sendo motivados por objetivos de interesse

próprio e como sendo utilizadores de estratégias interpessoais de manipulação, enquanto manifestação de um comportamento ajustado e orientado para o sucesso (Jones & Paulhus, 2009). A adoção desse padrão de comportamento instrumental e ausente de emoção em relação aos outros torna-se flexível mediante as experiências vividas, podendo ser necessário o uso de estratégias agressivas (Martin et al., 2012; Veselka et al., 2010) e antissociais (Williams et al., 2010) para obter certas recompensas externas (Blair, 2003). Outra interpretação que pode ser salientada, perante este resultado, é a de que, segundo Miller e seus colaboradores (2016), diversos autores têm encontrado dados empíricos que não são totalmente coerentes com as descrições teóricas do Maquiavelismo, através dos quais afirmam a existência de uma semelhança conceptual entre este traço e o de Psicopatia (e.g., ser impulsivo, descuidado; Cleckley, 1941; Glenn & Sellbom, 2015). Posto isto, a iminência de valores significativos por parte do Maquiavelismo pode resultar da incapacidade, tendo em conta a sua bateria de testes atual, de uma avaliação exata quanto às descrições teóricas deste constructo e, por conseguinte, da convergência prática de ambos os traços de personalidade.

Assim sendo, seria pertinente aprofundar estas questões, ao realizar análises estatisticamente mais robustas, com um maior número de participantes e, ainda, realizar análises comparativas com raparigas, para avaliar, de modo mais pormenorizado, as formas da agressividade (i.e., explícita e relacional) onde as diferenças de género são mais notórias (Marsee et al., 2011).

No segundo modelo de regressão linear múltipla, para a predição da empatia cognitiva, a combinação das variáveis prediz significativamente a empatia cognitiva, com apenas uma das variáveis preditoras – a Psicopatia – a contribuir de forma estatisticamente significativa para essa predição ($\beta = .32$). Os resultados obtidos são apoiados pela correlação moderada e positiva que se constata entre a Psicopatia e a empatia cognitiva. Para além disso, este traço de personalidade está frequentemente associado a pontuações extremamente baixas na dimensão de Amabilidade do modelo *The Big Five* (Eysenck & Eysenck, 1985), é caracterizado por baixos níveis de empatia (Hare, 1985; Paulhus & Williams, 2002) e constitui-se pela presença de traços de manipulação e de frieza/insensibilidade emocional (Jones & Paulhus, 2011b). Existem, portanto, evidências que nos permitem corroborar a hipótese colocada (cf. Hipótese 2).

É de notar que os três traços da Tríade Negra apresentam relações significativas com a escala global da empatia (BES-SF Total). Este resultado vai ao encontro da literatura, na medida em que a sobreposição empírica pode dever-se à falta de empatia sentida pelos outros (i.e., insensibilidade afetiva; Jones & Paulhus, 2011a), juntamente com a manipulação emocional e a exploração interpessoal (i.e., componente cognitiva; Jonason et al., 2009; Jones & Figueredo, 2013). Contudo, enquanto que o Maquiavelismo e a Psicopatia demonstram correlações significativas com a empatia cognitiva, o Narcisismo revela uma associação significativa com a empatia afetiva. Deste modo, podemos estar perante um conjunto de adolescentes que manifestam características do Narcisismo patológico (i.e., vulnerabilidade e grandiosidade; Barry & Kauten, 2014; Rosenthal & Hooley, 2010), sendo este subdomínio do Narcisismo indicador de uma maior amplitude de desajustamento, como por exemplo, baixa autoestima, ansiedade, depressão, *stress* social e autoavaliações negativas.

No terceiro modelo de regressão linear múltipla, para a predição da delinquência, a combinação das variáveis prediz significativamente a delinquência, com apenas uma das variáveis preditoras – a Psicopatia – a contribuir de forma estatisticamente significativa para essa predição ($\beta = .46$). Os dados obtidos são consolidados pelas correlações moderadamente positivas verificadas entre o traço de Psicopatia e a dimensão motora da impulsividade e delinquência, uma vez que esses valores se revelam significativos. Este traço de personalidade traduz-se não só em altos níveis de impulsividade imprudente (Newman, 1987) e de busca de sensações, mas também num padrão de condutas antissociais e destrutivas relativamente aos outros e a si próprio (Rauthmann & Kolar, 2012). Por outras palavras, a Psicopatia, de entre muitas características, é encarada como uma perturbação desenvolvimental (Lynam et al., 2007), marcada por um estilo de vida desviante (e.g., ser impulsivo, busca de emoções e sensações, irresponsável e propenso a atividades delituosas – perspetivas a curto prazo; Cooke & Michie, 2001; Hare, 2003; Jones & Paulhus, 2011b). Neste caso, podemos também afirmar que existem evidências que nos permitem corroborar a hipótese colocada (cf. Hipótese 3).

No quarto e último modelo de regressão linear múltipla, para a predição da idade da 1ª ilegalidade, a combinação das variáveis não a prediz significativamente, com apenas

uma das variáveis preditoras – a Psicopatia – a contribuir de forma estatisticamente significativa para essa predição (β = -.37). Dado que a Psicopatia, ao nível subclínico, é conceptualizada como a personalidade mais malévola da Tríade Negra (Rauthmann, 2012) e, por isso, a mais ameaçadora, os resultados obtidos são congruentes com a literatura. De facto, muito antes da idade de responsabilidade criminal, pode surgir um padrão de conduta delinquente com diversas expressões e existem, inclusive, estudos longitudinais, como o estudo de Dunedin (Moffitt & Caspi, 2000), que sugerem uma certa continuidade de comportamentos antissociais manifestados durante a infância/adolescência, para a criminalidade adulta. Através da investigação de Moffitt e seus colaboradores (2002), que tem por base o estudo longitudinal de Dunedin, pretendeu-se identificar a idade como um fator de risco para a persistência desses mesmos comportamentos. Neste sentido, a teoria desenvolvimentista de Moffitt e seus colaboradores (2002) assenta na existência de dois grandes tipos de comportamento antissocial – o de início precoce e persistente ao longo da vida, e o limitado à adolescência (Moffitt, 2006). O pressuposto é que o comportamento criminal iniciado durante a infância, está associado a uma personalidade antissocial, à violência, ao comportamento delinquente grave e persistente na idade adulta, e a uma carreira criminal – comportamento esse que pode ser agravado pela presença de traços de Psicopatia. Posto isto, podemos afirmar que não existem evidências suficientes que nos permitem corroborar a hipótese colocada (cf. Hipótese 4), ainda que os valores observados com o traço de Psicopatia sejam significativos.

Por último, estes resultados reforçam a importância da avaliação e da intervenção precoce na delinquência e no comportamento antissocial/crime, não se centrando apenas no indivíduo, mas, sim, num conjunto de outros fatores explicativos que contribuem para o aumento do risco de conduta criminosa, seja ela violenta ou não.

Conclusão

A presente dissertação procurou ser um contributo para o avanço do conhecimento sobre a Tríade Negra e a sua relação com fatores de risco inerentes, em amostras de jovens delinquentes a cumprir medida tutelar em Centro Educativo. Neste sentido, a implementação de um protocolo com instrumentos de medida breves e válidos para a população portuguesa juvenil, nomeadamente a SD3, teve como objetivo aferir a sua futura integração nos processos de avaliação psicológica em contexto forense.

De um modo geral, os resultados obtidos corresponderam à expectativa, embora nem todas as hipóteses tenham sido corroboradas. Relativamente ao papel preditivo dos traços de personalidade da Tríade Negra nas variáveis de risco, os resultados mostraram uma prevalência do traço de Psicopatia no desenvolvimento e na manutenção de comportamentos antissociais e/ou de uma carreira criminal crónica. Adicionalmente, os resultados deste estudo indicam que a SD3 pode ser utilizada como instrumento de rastreio para identificar os jovens que necessitam de intervenções mais exaustivas em contexto de medida institucional em Centro Educativo, inclusive para a avaliação do comportamento antissocial persistente, característico do constructo da Psicopatia. Atendendo às especificidades da amostra, os dados obtidos sugerem, assim, que esta versão de autorresposta breve pode ser uma medida útil na investigação e na prática clínica forense.

Em jeito de conclusão, estes resultados e as suas implicações práticas podem e devem servir de alerta para características centrais na identidade do indivíduo, bem como para as experiências iniciais na sua relação com as figuras mais próximas e significativas. Por conseguinte, atentam igualmente para o facto de esta dualidade, entre o indivíduo e o sistema onde se insere, poder ser composta por um conjunto de fatores de risco que contribuem para o desenvolvimento distinto e patológico de um *self* instável. Neste sentido, estes e futuros resultados ao nível da investigação com jovens delinquentes, devem ser tidos em conta em modelos de reabilitação psicossocial, como é exemplo o programa "Gerar Percursos Sociais" (GPS; Rijo, 2004; Rijo et al., 2016).

Limitações e estudos futuros

Existem algumas limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados deste estudo. Uma delas está relacionada com o processo de avaliação, uma

vez que, apesar das suas propriedades psicométricas, foram somente aplicadas medidas de autorrelato, o que poderá ter contribuído para um eventual enviesamento dos dados obtidos, pois os instrumentos dependem de respostas subjetivas. Tomemos como exemplo o efeito da desejabilidade social, na medida em que a crença, por parte de alguns jovens, de que a informação partilhada poderia vir a prejudicar e/ou a ter influência no seu percurso dentro do Centro Educativo ou até mesmo no seu processo em Tribunal (e.g., crimes anteriores que não constam nos registos oficiais e que possam agravar a medida tutelar; denúncia involuntária de outros participantes do crime), embora tenha existido um cuidado prévio à aplicação do protocolo na expectativa de minimizar esse efeito e de esclarecer quaisquer dúvidas nesse sentido. Para além disso, algumas dessas medidas requerem a recordação e/ou o confronto com certas memórias que podem ser influenciados pelo estado de humor individual e afetar a disposição do jovem para um preenchimento mais consciente. Assim sendo, investigações futuras devem incluir outros métodos de avaliação e a recolha de informação colateral.

A caracterização da amostra é outra limitação que podemos considerar, sendo que este estudo foi apenas realizado com um grupo forense de adolescentes com diversas manifestações de comportamentos antissociais e que já possuíam algum tipo de contacto com o sistema de justiça juvenil. Dado o tamanho da amostra, principalmente o número reduzido do grupo feminino, também não foi possível testar os modelos estatísticos em ambos os sexos e desenvolver análises comparativas, tendo em vista uma generalização dos resultados. Deste modo, torna-se necessário replicar estudos em contextos escolares, com amostras mais representativas dos grupos, no que diz respeito aos traços de personalidade da Tríade Negra e variáveis de risco.

Uma terceira, e última limitação, está associada à natureza transversal do estudo, visto que não nos permite tirar conclusões relativamente à estabilidade e/ou à evolução dessas características nos indivíduos. Por isso, é de realçar a necessidade de estudos longitudinais prospetivos, a fim de averiguar de que forma esses traços podem predizer o comportamento antissocial posterior; além de que a metodologia longitudinal é vantajosa, no sentido em que auxilia a avaliação de padrões comportamentais específicos e promotores do desenvolvimento de trajetórias delinquenciais graves e persistentes.

Apesar de todas estas limitações, os resultados indicam que o traço de personalidade da Psicopatia desempenha um papel relevante na etiologia, no

desenvolvimento e na manutenção de percursos transgressivos. Portanto, se a Psicopatia, estando ou não agrupada aos outros dois traços – o Maquiavelismo e o Narcisismo –, tem um papel central na delinquência juvenil, esta deve ser um alvo priorizado na implementação de programas de intervenção como tentativa de reduzir a criminalidade na adolescência.

Numa fase posterior, poderá ser também relevante analisar se existe uma relação e de que modo esta se estabelece entre os traços de personalidade da Tríade Negra e elementos de criminalidade retrospetiva em jovens internados em Centro Educativo, tais como: a tipologia de comportamentos antissociais, o número de crimes e a violência das trajetórias de conduta delituosa. Desta forma, sendo que os resultados deste estudo se revelaram promissores, esperamos que o mesmo sirva como ponto de partida para a investigação focada nesta temática.

Referências bibliográficas

Almeida, L. S., & Freire, T. (2003). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Psiquilibrios.

American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (5th ed.). Climepsi Editores.

Andershed, H., Gustafson, S. B., Kerr, M., & Stattin, H. (2002). The usefulness of self-reported psychopathy-like traits in the study of antisocial behaviour among non-referred adolescents. *European Journal of Personality*, *16*(5), 383–402. https://doi.org/10.1002/per.455

Ang, R. P., & Yusof, N. (2005). The relationship between aggression, narcissism, and self-esteem in Asian children and adolescents. *Current Psychology*, *24*(2), 113–122. https://doi.org/10.1007/s12144-005-1010-0

Ashton, M. C., & Lee, K. (2001). A theoretical basis for the major dimensions of personality. *European Journal of Personality*, *15*, 327–353.

Barry, C. T., Frick, P. J., & Killian, A. L. (2003). The relation of narcissism and self-esteem to conduct problems in children: A preliminary investigation. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, *32*(1), 139–152. https://doi.org/10.1207/15374420360533130

Barry, C. T., Grafeman, S. J., Adler, K. K., & Pickard, J. D. (2007). The relations among narcissism, self-esteem, and delinquency in a sample of at-risk adolescents. *Journal of Adolescence*, *30*(6), 933–942. https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2006.12.003

Barry, C. T., & Kauten, R. L. (2014). Non-pathological and pathological narcissism: Which self-reported characteristics are most problematic in adolescents? *Journal of Personality Assessment*, *96*(2), 212–219. https://doi.org/10.1080/00223891.2013.830264

Barry, C. T., Pickard, J. D., & Ansel, L. L. (2009). The associations of adolescent invulnerability and narcissism with problem behaviors. *Personality and Individual Differences*, *47*(6), 577–582. https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.05.022

Baumeister, R. F., Smart, L., & Boden, J. M. (1996). Relation of threatened egotism to violence and aggression: The dark side of high self-esteem. *Psychological Review*, *103*(1), 5–33. https://doi.org/10.1037/0033-295x.103.1.5

Bear, G. G., Manning, M. A., & Izard, C. E. (2003). Responsible behavior: The importance of social cognition and emotion. *School Psychology Quarterly*, *18*(2), 140–157.

Blair, R. (2003). Neurobiological basis of psychopathy. *The British Journal of Psychiatry*, *182*(1), 5–7. https://doi.org/10.1192/bjp.182.1.5

Book, A., Visser, B. A., & Volk, A. A. (2015). Unpacking "evil": Claiming the core of the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, *73*, 29–38. https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.09.016

Bushman, B. J., & Baumeister, R. F. (1998). Threatened egotism, narcissism, self-esteem, and direct and displaced aggression: Does self-love or self-hate lead to violence? *Journal of Personality and Social Psychology*, *75*(1), 219–229. https://doi.org/10.1037/0022-3514.75.1.219

Card, N. A., & Little, T. D. (2006). Proactive and reactive aggression in childhood and adolescence: A meta-analysis of differential relations with psychosocial adjustment. *International Journal of Behavioral Development*, *30*(5), 466–480. https://doi.org/10.1177/0165025406071904

Carroll, A., Durkin, K., Houghton, S., & Hattie, J. (1996). An adaptation of Mak's Self-Reported Delinquency Scale for Western Australian adolescents. *Australian Journal of Psychology*, *48*(1), 1–7. https://doi.org/10.1080/00049539608259498

Caspi, A. (2000). A criança é o pai do homem: Continuidades na personalidade, da infância à vida adulta. *Psychologica*, *24*, 21–54.

Chabrol, H., Van Leeuwen, N., Rodgers, R., & Séjourné, N. (2009). Contributions of psychopathic, narcissistic, Machiavellian, and sadistic personality traits to juvenile delinquency. *Personality and Individual Differences*, *47*(7), 734–739. https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.06.020

Chase, K. A., O'Leary, K. D., & Heyman, R. E. (2001). Categorizing partner-violent men within the reactive–proactive typology model. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *69*(3), 567–572. https://doi.org/10.1037/0022-006X.69.3.567

Christie, R., & Geis, F. L. (1970). *Studies in Machiavellianism.* Academic Press.

Cima, M., & Raine, A. (2009). Distinct characteristics of psychopathy relate to different subtypes of aggression. *Personality and Individual Differences*, *47*(8), 835–840. https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.06.031

Cleckley, H. (1941). The Mask of Sanity: An attempt to reinterpret the so-called psychopathic personality. Mosby.

Cohen, J. (1988). *Statistical Power and Analysis for the Behavioral Sciences* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum.

Cooke, D. J., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopath: Towards a hierarchical model. *Psychological Assessment*, *13*(2), 171–188.

Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais. (2019, novembro). *Estatística Mensal dos Centros Educativos*. https://dgrsp.justica.gov.pt/Portals/16/Est%C3%A1tisticas/Centros%20Educativos/ce_10-2019.pdf?ver=2019-12-05-121626-930

Egan, V., & McCorkindale, C. (2007). Narcissism, vanity, personality and mating effort. *Personality and Individual Differences, 43*(8), 2105–2115. https://doi.org/10.1016/j.paid.2007.06.034

Eysenck, H. J., & Eysenck, M. W. (1985). *Personality and Individual Differences: A natural science approach*. Plenum Press.

Farrington, D. P. (2004). O estudo de desenvolvimento da delinquência de Cambridge: Principais resultados dos primeiros 40 anos. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento Anti-social e Crime: Da infância à idade adulta* (pp. 73–132). Almedina.

Farrington, D. P., Lambert, S., & West, D. J. (1998). Criminal careers of two generations of family members in the Cambridge study in delinquent development. *Studies on Crime and Crime Prevention*, *7*(1), 85–106.

Fehr, B., Samson, D., & Paulhus, D. L. (1992). The construct of Machiavellianism: Twenty years later. In C. D. Spielberger & J. N. Butcher (Eds.), *Advances in Personality Assessment* (Vol. 9, pp. 77–116). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

Feilhauer, J., Cima, M., & Arntz, A. (2012). Assessing callous–unemotional traits across different groups of youths: Further cross-cultural validation of the inventory of callous–unemotional traits. *International Journal of Law and Psychiatry*, *35*(4), 251–262. https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2012.04.002

Field, A. (2009). *Discovering Statistics using SPSS for Windows* (3rd ed.). Sage.

Fonseca, A. C. (2000). Comportamentos anti-sociais: Uma introdução. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, *XXXIV*(1, 2, e 3), 9–36.

Fonseca, A. C. (2004). Diferenças individuais no desenvolvimento do comportamento anti-social: O contributo dos estudos longitudinais. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento Anti-social e Crime: Da infância à idade adulta* (pp. 413–461). Almedina.

Forth, A., Kosson, D., & Hare, R. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist: Youth version, technical manual*. Multi-Health Systems, Inc.

Foster, J. D., & Trimm, R. F. (2008). On being eager and uninhibited: Narcissism and approach-avoidance motivation. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *34*(7), 1004–1017. https://doi.org/10.1177/0146167208316688

Furnham, A., & Crump, J. (2005). Personality traits, types, and disorders: An examination of the relationship between three self-report measures. *European Journal of Personality*, *19*(3), 167–184. https://doi.org/10.1002/per.543

Furnham, A., Richards, S. C., & Paulhus, D. L. (2013). The Dark Triad of personality: A 10-year review. *Social and Personality Psychology Compass*, *7*(3), 199–216. https://doi.org/10.1111/spc3.12018

Glenn, A. L., & Sellbom, M. (2015). Theoretical and empirical concerns regarding the Dark Triad as a construct. *Journal of Personality Disorders*, *29*(3), 360–377. https://doi.org/10.1521/pedi_2014_28_162

Hare, R. D. (1985). Comparison of procedures for the assessment of psychopathy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *53*(1), 7–16. https://doi.org/10.1037/0022-006X.53.1.7

Hare, R. D. (1991). *Manual for the Revised Psychopathy Checklist* (1st ed.). Multi-Health Systems.

Hare, R. D. (2003). *Manual for the Hare Psychopathy Checklist – Revised* (2nd ed.). Multi-Health Systems.

Hart, S. D., Cox, D. N., & Hare, R. D. (1995). *Manual for the Hare Psychopathy Checklist: Screening version*. Multi-Health Systems.

Henry, B., & Moffitt, T. E. (1997). Neuropsychological and neuroimaging studies of juvenile delinquency and adult criminal behavior. In D. M. Stoff, J. Breiling, & J. D. Maser (Eds.), *Handbook of Antisocial Behavior* (pp. 280–288). John Wiley & Sons, Inc.

Hill, P. L., & Lapsley, D. K. (2011). Adaptive and maladaptive narcissism in adolescent development. In C. T. Barry, P. Kerig, K. Stellwagen, & T. D. Barry (Eds.), *Implications of narcissism and Machiavellianism for the development of prosocial and antisocial behavior in youth* (pp. 89–105). APA Press.

Hill, P. L., & Roberts, B. W. (2011). Examining "developmental me": A review of narcissism as a life span construct. In W. K. Campbell & J. D. Miller (Eds.), *The Handbook of Narcissism and Narcissistic Personality Disorder* (pp. 191–201). Wiley.

Huesmann, L. R. (1997). Observational learning of violent behavior: Social and biosocial processes. In A. Raine, P. A. Brennan, D. P. Farrington, & S. A. Mednick (Eds.), *Biosocial Bases of Violence* (pp. 69–88). Plenum Press.

IBM Corp. (2017). *IBM SPSS Statistics Base 25*. IBM Corp.

Jakobwitz, S., & Egan, V. (2006). The Dark Triad and normal personality traits. *Personality and Individual Differences, 40*(2), 331–339. https://doi.org/10.1016/j.paid.2005.07.006

Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2006). Development and validation of the Basic Empathy Scale. *Journal of Adolescence*, *29*(4), 589–611. https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2005.08.010

Jonason, P. K., Li, N. P., Webster, G. D., & Schmitt, D. P. (2009). The Dark Triad: Facilitating a short-term mating strategy in men. *European Journal of Personality*, *23*, 5–18.

Jonason, P. K., & Webster, G. D. (2010). The Dirty Dozen: A concise measure of the Dark Triad. *Psychological Assessment*, *22*(2), 420–432. https://doi.org/10.1037/a0019265

Jones, D. N., & Figueredo, A. J. (2013). The core of Darkness: Uncovering the heart of the Dark Triad. *European Journal of Personality, 27*(6), 521–531. https://doi.org/10.1002/per.1893

Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2009). Machiavellianism. In M. R. Leary & R. H. Hoyle (Eds.), *Handbook of Individual Differences in Social Behavior* (pp. 93–108). Guilford.

Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2011a). Differentiating the Dark Triad within the interpersonal circumplex. In L. M. Horowitz & S. Strack, *Handbook of Interpersonal*

Psychology: Theory, research, assessment, and therapeutic interventions (pp. 249–269). Wiley & Sons.

Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2011b). The role of impulsivity in the Dark Triad of personality. *Personality and Individual Differences*, *51*(5), 679–682. http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2011.04.011

Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2014). Introducing the Short Dark Triad (SD3): A brief measure of dark personality traits. *Assessment*, *21*(1), 28–41. https://doi.org/10.1177/1073191113514105

Kagan, J. (2004). Comportamento Anti-social: Contributos culturais, vivenciais e temperamentais. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento Anti-social e Crime: Da infância à idade adulta* (pp. 1–10). Almedina.

Kerig, P. K., & Stellwagen, K. K. (2010). Roles of callous-unemotional traits, narcissism, and Machiavellianism in childhood aggression. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, *32*, 343–352. https://doi.org/10.1007/s10862-009-9168-7

Klimstra, T. A., Sijtsema, J. J., Henrichs, J., & Cima, M. (2014). The Dark Triad of personality in adolescence: Psychometric properties of a concise measure and associations with adolescent adjustment from a multi-informant perspective. *Journal of Research in Personality*, *53*, 84–92. https://doi.org/10.1016/j.jrp.2014.09.001

Kowalski, R. M. (Ed.). (2001). *Behaving badly: Aversive behaviors in interpersonal relationships.* American Psychological Association.

Lapsley, D. K., & Aalsma, M. C. (2006). An empirical typology of narcissism and mental health in late adolescence. *Journal of Adolescence*, *29*(1), 53–71. https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2005.01.008

Lau, K. S. L., & Marsee, M. A. (2013). Exploring narcissism, psychopathy, and Machiavellianism in youth: Examination of associations with antisocial behavior and aggression. *Journal of Child and Family Studies*, *22*, 355–367. https://doi.org/10.1007/s10826-012-9586-0

Lee, K., & Ashton, M. C. (2005). Psychopathy, Machiavellianism, and narcissism in the Five Factor Model and the HEXACO model of personality structure. *Personality and Individual Differences*, *38*, 1571–1582.

Leech, N. L., Barrett, K. C., & Morgan, G. A. (2015). *IBM SPSS for Intermediate Statistics: Use and Interpretation* (5th ed.). Routledge/Taylor & Francis Group.

Lilienfeld, S. O., & Widows, M. (2005). *Professional manual for the Psychopathic Personality Inventory-Revised (PPI-R)*. Psychological Assessment Resources.

Loeber, R., Farrington, D. P., Stouthamer-Loeber, M., Moffitt, T. E., & Caspi, A. (1998). The development of male offending: Key findings from the first decade of the Pittsburgh youth study. *Studies on Crime and Crime Prevention*, *7*(2), 141–171.

Lösel, F., & Bender, D. (2003). Protective factors and resilience. In D. P. Farrington & J. W. Coid (Eds.), *Early Prevention of Adult Antisocial Behaviour* (pp. 130–204). Cambridge University Press.

Luhtanen, R. K., & Crocker, J. (2005). Alcohol use in college students: Effects of level of self-esteem, narcissism, and contingencies of self-worth. *Psychology of Addictive Behaviors*, *19*(1), 99–103. https://doi.org/10.1037/0893-164x.19.1.99

Lynam, D. R., Caspi, A., Moffitt, T. E., Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (2007). Longitudinal evidence that psychopathy scores in early adolescence predict adult psychopathy. *Journal of Abnormal Psychology*, *116*(1), 155–165. https://doi.org/10.1037/0021-843x.116.1.155

Lynam, D. R., & Derefinko, K. (2005). Psychopathy and personality. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of Psychopathy* (pp. 133–155). Guilford.

Lynam, D. R., Gaughan, E. T., Miller, J. D., Miller, D. J., Mullins-Sweatt, S., & Widiger, T. A. (2011). Assessing the basic traits associated with psychopathy: Development and validation of the Elemental Psychopathy Assessment. *Psychological Assessment*, *23*, 108–124.

Lyons, M., & Jonason, P. K. (2015). Dark Triad, tramps, and thieves: Psychopathy predicts a diverse range of theft-related attitudes and behaviors. *Journal of Individual Differences*, *36*, 215–220. https://doi.org/10.1027/1614-0001/a000177

Machado, T. (2004). Vinculação e comportamentos anti-sociais. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento Anti-social e Crime: Da infância à idade adulta* (pp. 291–321). Almedina.

Mak, A. S. (1993). A Self-Reported Delinquency Scale for Australian adolescents. *Australian Journal of Psychology*, *45*(2), 75–79. https://doi.org/10.1080/00049539308259122

Malesza, M., & Ostaszewski, P. (2016). The utility of the Dark Triad model in the prediction of the self-reported and behavioral risk-taking behaviors among

adolescents. *Personality and Individual Differences*, *90*, 7–11. https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.10.026

Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. ReportNumber.

Marsee, M. A., Barry, C. T., Childs, K. K., Frick, P. J., Kimonis, E. R., Muñoz, L. C., … Lau, K. S. L. (2011). Assessing the forms and functions of aggression using self-report: Factor structure and invariance of the Peer Conflict Scale in youths. *Psychological Assessment*, *23*(3), 792–804. https://doi.org/10.1037/a0023369

Martin, R. A., Lastuk, J. M., Jeffrey, J., Vernon, P. A., & Veselka, L. (2012). Relationships between the Dark Triad and humor styles: A replication and extension. *Personality and Individual Differences*, *52*, 178–182.

Matos, M., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). *Violência, bullying e delinquência*. Coisas de Ler – Edições Unipessoal.

McHoskey, J. W., Worzel, W., & Szyarto, C. (1998). Machiavellianism and psychopathy. *Journal of Personality and Social Psychology*, *74*(1), 192–210. https://doi.org/10.1037/0022-3514.74.1.192

Miller, J. D., & Campbell, W. K. (2011). Addressing criticisms of the Narcissistic Personality Inventory (NPI). In W. K. Campbell & J. D. Miller (Eds.), *The Handbook of Narcissism and Narcissistic Personality Disorder: Theoretical approaches, empirical findings, and treatments* (pp. 146–152). John Wiley & Sons, Inc.

Miller, J. D., Dir, A., Gentile, B., Wilson, L., Pryor, L. R., & Campbell, W. K. (2010). Searching for a vulnerable dark triad: Comparing factor 2 psychopathy, vulnerable narcissism, and borderline personality disorder. *Journal of Personality*, *78*(5), 1529–1564. https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2010.00660.x

Miller, J. D., Hoffman, B. J., Gaughan, E. T., Gentile, B., Maples, J., & Campbell, W. K. (2011). Grandiose and vulnerable narcissism: A nomological network analysis. *Journal of Personality*, *79*(5), 1013–1042. https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2010.00711.x

Miller, J. D., Hyatt, C. S., Maples-Keller, J. L., Carter, N. T., & Lynam, D. R. (2016). Psychopathy and Machiavellianism: A distinction without a difference? *Journal of Personality*, *85*(4), 439–453. https://doi.org/10.1111/jopy.12251

Moffitt, T. E. (1990). Juvenile Delinquency and Attention Deficit Disorder: Boys' developmental trajectories from age 3 to age 15. *Child Development*, *61*(3), 893–910. https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1990.tb02830.x

Moffitt, T. E. (2006). A review of research on the taxonomy of Life-Course Persistent versus Adolescence-Limited antisocial behavior. In F. T. Cullen, J. P. Wright, & K. R. Blevins (Eds.), *Advances in Criminological Theory: Vol. 15. Taking stock: The status of criminological theory* (pp. 277–311). Transaction Publishers.

Moffitt, T. E., & Caspi, A. (2000). Comportamento anti-social persistente ao longo da vida e comportamento anti-social limitado à adolescência. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, *XXXIV*(1, 2 e 3), 65–106.

Moffitt, T. E., Caspi, A., Harrington, H., & Milne, B. J. (2002). Males on the life-course-persistent and adolescence-limited antisocial pathways: Follow-up at age 26 years. *Development and Psychopathology*, *14*(1), 179–207. https://doi.org/10.1017/s0954579402001104

Muris, P., Meesters, C., & Timmermans, A. (2013). Some youths have a gloomy side: Correlates of the Dark Triad personality traits in non-clinical adolescents. *Child Psychiatry & Human Development*, *44*, 658–665. https://doi.org/10.1007/s10578-013-0359-9

Negreiros, J. (2001). *Delinquências juvenis*. Editorial Notícias.

Neves, S. T. (2007). *Concepções pessoais de competência: Contributos para a construção e validação de um modelo compreensivo no contexto de realização escolar* (Tese de Doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCE-UP), Porto, Portugal.

Newman, J. P. (1987). Reaction to punishment in extraverts and psychopaths: Implications for the impulsive behavior of disinhibited individuals. *Journal of Research in Personality*, *21*, 464–480.

Newman, J. P., MacCoon, D. G., Vaughn, L. J., & Sadeh, N. (2005). Validating a distinction between primary and secondary psychopathy with measures of Gray's BIS and BAS constructs. *Journal of Abnormal Psychology*, *114*(2), 319–323. https://doi.org/10.1037/0021-843x.114.2.319

Patton, J., Stanford, M., & Barratt, E. (1995). Factor structure of the Barratt Impulsiveness Scale. *Journal of Clinical Psychology*, *51*, 768–774. https://doi.org/10.1002/1097-4679

Paulhus, D. L., & John, O. P. (1998). Egoistic and moralistic bias in self-perceptions: The interplay of self-deceptive styles with basic traits and motives. *Journal of Personality*, *66*(6), 1024–1060. https://doi.org/10.1111/1467-6494.00041

Paulhus, D. L., Neumann, C. S., & Hare, R. D. (2009). *Manual for the Self-Report Psychopathy Scale (SRP-III)*. Multi-Health Systems.

Paulhus, D. L., Neumann, C. S., & Hare, R. D. (2016). *Hare Self-Report Psychopathy Scale: Technical manual* (4th ed.). Multi-Health Systems.

Paulhus, D., & Williams, K. (2002). The Dark Triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, *36*, 556–563.

Pechorro, P., Caramelo, V., Oliveira, J. P., Nunes, C., Curtis, S. R., & Jones, D. N. (2019). The Short Dark Triad (SD3): Adaptation and psychometrics among at-risk male and female youths. *Deviant Behavior*, *40*(3), 273–286. https://doi.org/10.1080/01639625.2017.1421120

Pechorro, P., Gentile, B., Ray, J. V., Nunes, C., & Gonçalves, R. A. (2016). Adaptation of the Narcissistic Personality Inventory among a Portuguese sample of incarcerated juvenile offenders. *Psychology, Crime & Law*, *22*(5), 495–511. https://doi.org/10.1080/1068316x.2016.1168421

Pechorro, P., Houghton, S., Simões, M. R., & Carroll, A. (2019). The Adapted Self-Report Delinquency Scale for Adolescents: Validity and reliability among Portuguese youths. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, *63*(6), 837–853. https://doi.org/10.1177/0306624X18811595

Pechorro, P., Jesus, S. N., Kahn, R. E., Gonçalves, R. A., & Barroso, R. (2018). A versão breve da Escala de Empatia Básica numa amostra escolar de jovens portugueses: Validade, fiabilidade e invariância. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, *4*(49), 157–169. https://doi.org/10.21865/RIDEP49.4.13

Pechorro, P., Jonason, P. K., Raposo, V., & Marôco, J. (2019). Dirty Dozen: A concise measure of Dark Triad traits among at-risk youths. *Current Psychology*. https://doi.org/10.1007/s12144-019-00288-9

Pechorro, P., Oliveira, J. P., Gonçalves, R., & Jesus, S. (2018). Propriedades psicométricas de uma versão reduzida da Escala de Impulsividade de Barratt - 11 numa amostra escolar de adolescentes portugueses. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, *2*(47), 157–170. https://doi.org/10.21865/RIDEP47.2.11

Pechorro, P., Ray, J. V., Raine, A., Marôco, J., & Gonçalves, R. A. (2015). The Reactive–Proactive Aggression Questionnaire: Validation among a Portuguese sample of incarcerated juvenile delinquents. *Journal of Interpersonal Violence*, *32*(13), 1995–2017. https://doi.org/10.1177/0886260515590784

Pechorro, P., Russell, J. D., Ayala-Nunes, L., Gonçalves, R. A., & Nunes, C. (2017). The Brief Peer Conflict Scale: Psychometric properties among a sample of incarcerated male juvenile offenders. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, *62*(8), 2414–2429. https://doi.org/10.1177/0306624X17719299

Porter, S., & Woodworth, M. (2006). Psychopathy and aggression. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of Psychopathy* (pp. 481–494). Guilford Press.

Raskin, R. N., & Hall, C. S. (1979). A Narcissistic Personality Inventory. *Psychological Reports*, *45*(2), 590. https://doi.org/10.2466/pr0.1979.45.2.590

Raskin, R., Novacek, J., & Hogan, R. (1991). Narcissism, self-esteem, and defensive self-enhancement. *Journal of Personality*, *59*(1), 19–38. https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1991.tb00766.x

Raskin, R., & Terry, H. (1988). A principal-components analysis of the Narcissistic Personality Inventory and further evidence of its construct validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, *54*(5), 890–902. https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.5.890

Rauthmann, J. F. (2012). The Dark Triad and interpersonal perception: Similarities and differences in the social consequences of narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Social Psychological and Personality Science*, *3*, 487–496.

Rijo, D. (2004). Gerar Percursos Sociais (GPS), um programa de prevenção e reabilitação para jovens com comportamentos desviantes: Bases conceptuais, estruturas e conteúdos. *Infância e Juventude, 2*, 33–74.

Rijo, D., Brazão, N., Barroso, R., Ribeiro da Silva, D., Vagos, P., Vieira, A., … Macedo, A. M. (2016). Mental health problems in male young offenders in custodial versus

community based-programs: Implications for juvenile justice interventions. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, *10*(1), 40. https://doi.org/10.1186/s13034-016-0131-6

Roche, M. J., Pincus, A. L., Lukowitsky, M. R., Ménard, K. S., & Conroy, D. E. (2013). An integrative approach to the assessment of narcissism. *Journal of Personality Assessment*, *95*, 237–249.

Rosenthal, S. A., & Hooley, J. M. (2010). Narcissism assessment in social-personality research: Does the association between narcissism and psychological health result from a confound with self-esteem? *Journal of Research in Personality*, *44*(4), 453–465. https://doi.org/10.1016/j.jrp.2010.05.008

Russell, J. D. (2014). *The structure of child and adolescent aggression: Validation of a Brief Peer Conflict Scale*. University of New Orleans, New Orleans. http://scholarworks.uno.edu/td/1892

Salas-Wright, C. P., Olate, R., & Vaughn, M. G. (2012). Assessing empathy in Salvadoran high-risk and gang-involved adolescents and young adults: A Spanish validation of the Basic Empathy Scale. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 57*, 1393–1416. https://doi.org/10.1177/0306624X12455170

Simões, M. R. (2003). Avaliação Neuropsicológica e Comportamentos Anti-Sociais: Notas breves em torno do papel das competências verbais e das funções executivas. In I. Alberto, A. C. Fonseca, C. P. Albuquerque, A. G. Ferreira, & J. Rebelo (Eds.), *Comportamento Anti-Social: Escola e Família* (pp. 129–143). Centro de Psicopedagogia da Universidade de Coimbra.

Stanford, M. S., Mathias, C. W., Dougherty, D. M., Lake, S. L., Anderson, N. E., & Patton, J. H. (2009). Fifty years of the Barratt Impulsiveness Scale: An update and review. *Personality and Individual Differences*, *47*(5), 385–395. https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.04.008

Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using Multivariate Statistics* (6th ed.). Pearson.

Twenge, J. M., & Campbell, W. K. (2003). "Isn't it fun to get the respect that we're going to deserve?" Narcissism, social rejection, and aggression. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *29*(2), 261–272. https://doi.org/10.1177/0146167202239051

Vazire, S., & Funder, D. C. (2006). Impulsivity and the self-defeating behavior of narcissists. *Personality and Social Psychology Review*, *10*(2), 154–165. https://doi.org/10.1207/s15327957pspr1002_4

Veselka, L., Schermer, J. A., Martin, R. A., & Vernon, P. A. (2010). Relations between humor style and the Dark Triad traits of personality. *Personality and Individual Differences*, *48*, 772–774.

Washburn, J. J., McMahon, S. D., King, C. A., Reinecke, M. A., & Silver, C. (2004). Narcissistic features in young adolescents: Relations to aggression and internalizing symptoms. *Journal of Youth and Adolescence*, *33*(3), 247–260. https://doi.org/10.1023/b:joyo.0000025323.94929.d9

Watson, P. J., Grisham, S. O., Trotter, M. V., & Biderman, M. D. (1984). Narcissism and empathy: Validity evidence for the Narcissistic Personality Inventory. *Journal of Personality Assessment*, *48*(3), 301–305. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4803_12

Wiggins, J. S., & Pincus, A. L. (1989). Conceptions of personality disorders and dimensions of personality. *Psychological Assessment: A Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *1*, 305–316.

Williams, K. M., Nathanson, C., & Paulhus, D. L. (2010). Identifying and profiling scholastic cheaters: Their personality, cognitive ability, and motivation. *Journal of Experimental Psychology: Applied*, *16*, 293–307.

Wink, P. (1991). Two faces of narcissism. *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*(4), 590–597. https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.4.590

Wright, J. P., Morgan, M. A., Almeida, P. R., Almosaed, N. F., Moghrabi, S. S., & Bashatah, F. S. (2017). Malevolent forces: Self-control, the Dark Triad, and crime. *Youth Violence and Juvenile Justice*, *15*, 191–215. https://doi.org/10.1177/1541204016667995

Legislação

Decreto-Lei n.º 401/82, de 23 de setembro. Diário da República, n.º 221/1982, 1º Suplemento, Série I.

Decreto-Lei n.º 166/99, de 14 de setembro. Diário da República, 1ª Série-A, 215.

Lei n.º 147/99, de 01 de setembro. Diário da República, n.º 204/1999, Série I-A.

Lei n.º 115/2009, de 12 de outubro. Código da Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade. https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/491690/details/normal?l=1

Lei n.º 4/2015, de 15 de janeiro. Diário da República, 1ª Série, 10, 396-436.

Anexos

Anexo A. *Pedido de autorização à DGRSP*

FPCEUC **FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Direção de Serviços de Organização Planeamento e Relações Externas (DSOPRE)
Ao cuidado do **Exmo Senhor Diretor Dr. José Semedo Moreira**
Avenida Almirante Reis, 72
1150-020 LISBOA

Assunto: Pedido de autorização para recolha de dados no Centro Educativo dos Olivais (Coimbra), no Centro Educativo de Santa Clara (Vila do Conde) e no Centro Educativo de Santo António (Porto).

Vimos solicitar a colaboração de Vossa Excelência, e da instituição que superiormente dirige, autorizando a recolha de dados relativa **a uma investigação conducente a dissertação de Mestrado Integrado**, de **Rafaela Brás Miranda**, aluna do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia – subárea de especialização em **Psicologia Forense**, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e que está a realizar estágio curricular autorizado no Centro Educativo dos Olivais de Coimbra.

A investigação proposta está orientada para analisar as relações entre os traços da Tríade Negra (maquiavelismo, psicopatia e narcisismo) e as variáveis (delinquência autorrelatada, agressividade, traços calosos/insensibilidade emocional, impulsividade, ansiedade social e empatia). A Tríade Negra será medida pela *Short Dark Triad* (SD3; Jones & Paulhus, 2014; Pechorro *et al.*, 2018) e as restantes variáveis medidas, respetivamente, pela *Adapted Self-Report Delinquency Scale* (ASRDS; Pechorro, et al., 2015), *Peer Conflict Scale – Short Form* (PCS-SF; Russell, 2014; Pechorro, et al., 2017), *Inventory of Callous-Unemotional Scale – Short Form* (ICU-SF; Pechorro, et al., 2016), *Barratt Impulsiveness Scale – Short Form* (BIS-11-SF; Pechorro et al., 2018), *Social Anxiety Scale for Adolescents – Short Form* (SAS-A-SF; Nunes et al., 2018) e *Basic Empathy Scale-Short Form* (BES-SF; Pechorro et al., 2018).

A relevância deste tema de investigação diz respeito ao facto de a Tríade Negra ter vindo a ser pouco estudada em amostras forenses de adolescentes detidos, apesar do seu potencial valor na explicação de fenómenos delinquenciais. Para além disso, é o primeiro estudo de que temos conhecimento a utilizar a SD3 com este tipo de amostra. É também de referir que aplicar estas medidas por instituições onde é útil avaliar os jovens com percursos delinquentes pode proporcionar, eventualmente, intervenções mais eficazes.

Informamos que, caso seja aceite, a recolha de dados servirá para fins exclusivamente científicos. Serão respeitados os princípios da participação voluntária dos sujeitos, da confidencialidade e do anonimato dos dados (os dados serão integrados numa base global de tratamento estatístico, sem referência a dados pessoais). As datas específicas de recolha de dados seriam depois objeto de articulação com a Direção do Centro Educativo dos Olivais de Coimbra, do Centro Educativo de Santa Clara de Vila do Conde e do Centro Educativo de Santo António do Porto (se possível, entre os meses de maio e julho).

Agradecemos a colaboração prestada e ficamos à disposição de V. Ex.ª para algum esclarecimento adicional.

Com os melhores cumprimentos.

Coimbra, 16 de abril de 2019.

Mário R. Simões
Orientador, Professor Catedrático

Anexo B. *Termo de Consentimento Informado*

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Concordo em participar neste estudo de Rafaela Brás Miranda sobre características da personalidade em jovens internados em Centro Educativo a decorrer no âmbito do mestrado em Psicologia Forense da Universidade de Coimbra.

Foi-me dada uma explicação da natureza e objetivos deste estudo e concedida a possibilidade de perguntar e esclarecer todos os aspetos que me pareceram pertinentes.

Foi-me dada a informação de que os dados obtidos por este questionário são anónimos e confidenciais.

Concordo em que os dados recolhidos sejam analisados pelos investigadores envolvidos no estudo.

Sei que a minha participação é voluntária e que sou livre de desistir deste estudo se for esse o meu desejo.

Local _____ Data _____

Não deixes nenhuma pergunta por responder